

A BOA NOVA

do Mundo de Amanhã

A Identidade Bíblica da Família Real Britânica

3 • A Confiabilidade das Promessas de Deus

4 • A Identidade Bíblica da Família Real Britânica (Primeira Parte)

A origem da monarquia britânica é bem mais antiga do que muitos imaginam. Por incrível que pareça, ela está diretamente ligada às promessas que Deus fez na Bíblia a respeito da dinastia do rei Davi de Israel, que prosseguiria até nossos dias e além.

8 • A Identidade Bíblica da Família Real Britânica – Segunda Parte

Como vimos na primeira parte deste artigo, Deus prometeu ao rei Davi de Israel uma dinastia duradoura que ainda existiria em nosso tempo. Juntando as profecias bíblicas e a História, podemos ver o que aconteceu com aquela dinastia — descobrindo a notável conexão com o trono da Inglaterra e seu incrível futuro.

Requadro: 12 Seria Racismo Reconhecer a Identidade Nacional de Israel?

13 • O Evangelho e o Trono de Davi

Nosso guia de estudo bíblico Os Estados Unidos e a Inglaterra na Profecia Bíblica detalha um incrível entendimento bíblico e histórico de que as modernas nações anglófonas são herdeiras das promessas de bênçãos materiais feitas a Abraão e seus descendentes. O que exatamente essa história tem a ver com o evangelho de Jesus Cristo e o Reino de Deus? Muito mais do que você imagina! **Requadro:** 16 Como Jacó tornou-se herdeiro de Abraão

17 • A História dos Símbolos da Cerimônia de Coroação da Monarquia Britânica

Implícita na ostentação da coroa dos monarcas da Inglaterra está uma história notável — uma história que conecta a coroa e o trono britânicos aos reis e patriarcas da Bíblia.

20 • A Importante Tarefa do Rei Charles III

Será que a grande importância da Inglaterra vai desvanecer após a morte da rainha?

22 • A Fé da Rainha Elizabeth II

Elizabeth II viveu sua vida a serviço de Deus e de seu país. E sua morte trouxe um momento solene de reflexão a respeito do sagrado. Ela foi a mais longeva monarca britânica. E que lições podemos aprender de sua fé?

24 • A Rejeição da Pedra Gloriosa

A futura coroa do rei Charles III deveria nos fazer lembrar de uma coroa e de um reinado muito mais importantes e gloriosos — em que poderemos desempenhar um papel magnífico!

Requadro: 25 Como Deus Planejou o Futuro de Israel

26 • Notícias Mundiais e a Profecia: Eventos e Tendências Atuais

Um Período de Mudanças Profundas na Inglaterra • A Legalização do Casamento Homoafetivo



4



20



24

QUEM SOMOS

A Igreja de Deus Unida, uma Associação Internacional, tem as suas raízes na Igreja que Jesus fundou, no início do primeiro século. Seguimos os mesmos ensinamentos, doutrinas e práticas que então foram estabelecidas. A nossa missão é proclamar o evangelho do futuro Reino de Deus em todo o mundo, como testemunho, e ensinar todas as nações a observarem o que Cristo ordenou (Mateus 24:14; 28:19-20).

Distribuímos gratuitamente esta revista e outras publicações, seguindo a instrução de Cristo, que disse: "De graça recebestes, de graça dai" (Mateus 10:8). E isso somente tem sido possível através dos generosos dízimos e ofertas dos membros da Igreja e de colaboradores que contribuem voluntariamente para apoiar essa Obra. Caso deseje fazer uma doação para ajudar essa Obra de Deus, os dados de nossa conta bancária se encontram na última página.

Em Angola somos representados pela Igreja de Deus Unida, Angola e qualquer doação pode ser depositada na conta bancária abaixo:

Banco de Fomento Angola (BFA): Número Bancário Angolano em AKZ: 0006 0000 65338607301 54 **Beneficiário:** Mesac Catombela.

Internet: www.revistaboanova.org / **Facebook:** Igreja de Deus Unida

ENDEREÇOS

Brasil:

Igreja de Deus Unida
Caixa Postal 2027,
Uberlândia – MG,
CEP 38400-983
Telephone: +1 (513) 576 9796
e-mail: info@ucg.org

Estados Unidos:

Igreja de Deus Unida
P O Box 541027,
Cincinnati, OH, 45254-1027
Telephone: +1 (513) 576 9796

Angola:

Igreja de Deus Unida, Angola
Caixa Postal no.12
Cacuaco-Luanda, Angola
Telefones: +244 924 436 054
+244 923 719 704
e-mail: Infoiduangola@gmail.com

A Boa Nova é a edição portuguesa da revista *Beyond Today*



Scott Ashley
Editor-chefe

A Confiabilidade das Promessas de Deus

Abraão é um dos personagens mais fascinantes da Bíblia. Ele é chamado de “pai dos fiéis” (ver Romanos 4:11) porque deixou sua confortável vida na cidade para viajar pelo deserto com seus rebanhos e sem um lar permanente.

Provavelmente, a parte mais notável da história de Abraão está registrada em Gênesis 12:1-3, onde Deus lhe entrega uma série de promessas surpreendentes: “Ora, o SENHOR disse a Abrão: Sai-te da tua terra, e da tua parentela, e da casa de teu pai, para a terra que Eu te mostrarei. E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei, e engrandecerei o teu nome, e tu serás uma bênção. E abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da terra” (grifo nosso).

À medida que Abraão provava sua obediência fiel, Deus expandia essas promessas. E Deus assegurou-lhe o seguinte sobre sua esposa nonagenária Sara, que não tinha filhos: “Ela se tornará nações; reis de povos procederão dela” (Gênesis 17:16, ARA).

Em Gênesis 22:17-18, Deus ainda prometeu a Abraão: “Deveras te abençoarei e grandissimamente multiplicarei a tua semente como as estrelas dos céus e como a areia que está na praia do mar; e a tua semente possuirá a porta dos seus inimigos. E em tua semente serão benditas todas as nações da terra, porquanto obedeste à Minha voz”.

Assim, vemos que as promessas de Deus a Abraão incluíam, entre outras coisas:

- “Todas as nações da terra” seriam abençoadas por meio dele.
- Deus faria uma grande nação dos descendentes dele.
- “Nações” e “reis de povos” viriam dele por meio de sua esposa Sara.
- Os descendentes dele seriam tão numerosos “como as estrelas dos céus e como a areia que está na praia do mar”.

Que promessas magníficas! E outras promessas e profecias mais específicas foram dadas ao filho de Abraão, Isaque, a seu neto Jacó (renomeado para Israel) e seu bisneto José.

E o livro de Hebreus nos diz o seguinte sobre Abraão e outras pessoas fiéis a Deus: “Todos estes morreram na fé, sem terem recebido as promessas” (Hebreus 11:13). Então, *podemos acreditar nas promessas de Deus?*”

A resposta curta e direta é: *Indubitavelmente sim!* Contudo, precisamos entender que Deus opera em um plano completamente diferente do nosso, como seres humanos (Isaías 55:8-9). Pois, “um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos, como um dia” (2 Pedro 3:8). Esse “Alto e Sublime que habita a eterni-

dade” não está limitado pelo tempo como nós (Isaías 57:15). As posses e reivindicações territoriais das pessoas irrisórias diante dessas afirmações de Deus: “*Toda a Terra é Minha*” (Êxodo 19:5) e “*Tudo o que há debaixo dos céus Me pertence*” (Jó 41:11, NVI).

Deus *cumpr*e Suas promessas, mas da maneira e no tempo que nossas mentes finitas têm dificuldade de compreender. Isso nos leva ao tema desta edição sobre a história e importância bíblica do trono real e do império britânico—e das principais nações anglófonas que surgiram desse império, principalmente os Estados Unidos, o Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia.

Menos de um século atrás, o Império Britânico era a potência preeminente do mundo. E dizia-se que esse era o império em que o sol nunca se punha—significando que o império abrangia todo o globo, ou seja, da Europa à África, à América do Norte e do Sul, à Ásia, à Austrália e a muitas ilhas intermediárias. E por dois séculos esse império foi a potência global predominante, com uma marinha que dominava os mares.

Mas como uma pequena nação insular do tamanho do estado de São Paulo se transformou em uma superpotência mundial? Parece impossível, mas a Inglaterra e suas colônias dominaram o globo por dois séculos e inauguraram o mundo moderno!

Com o fim da hegemonia da Inglaterra após a Segunda Guerra Mundial, uma de suas ex-colônias—os Estados Unidos—tornou-se a nova superpotência mundial, posição que ocupa há três quartos de século.

Existe alguma conexão entre a ascensão e o domínio mundial dessas duas potências com as surpreendentes promessas feitas a Abraão há quase quatro mil anos? Essas promessas não se cumpriram no tempo de Abraão nem no tempo dos reinos de Israel e Judá, que dele descenderam. Mas, *elas foram cumpridas*—e de maneiras realmente surpreendentes e que dão testemunho da fidelidade de Deus e da incrível precisão das profecias bíblicas.

Esperamos que você leia atentamente toda esta edição da revista—e que se surpreenda ao ver como podemos acreditar seguramente em todas as promessas de Deus!



Deus prometeu a Abraão: “Multiplicarei a tua semente como as estrelas dos céus”.



A Identidade Bíblica da Família Real Britânica (Primeira Parte)



A origem da monarquia britânica é bem mais antiga do que muitos imaginam. Por incrível que pareça, ela está diretamente ligada às promessas que Deus fez na Bíblia a respeito da dinastia do rei Davi de Israel, que prosseguiria até nossos dias e além.

por Tom Robinson

O recente funeral da rainha Elizabeth II, a monarca com o reinado mais longo da história britânica, foi um grande evento mundial assistido por milhões de pessoas em todo o mundo. A morte dela marca o fim de uma era, mas a era dos reis e rainhas ainda perdura—agora o reinado passa para seu filho, rei Charles III, que tem coroação programada para maio deste ano. A escala de interesse e fascínio pela família real britânica—suas grandes ocasiões juntamente com rotinas diárias e escândalos—supera a de qualquer outra monarquia do planeta.

Por que a monarquia britânica tem um perfil tão destacado? Sabemos que essa monarquia reinou sobre grande parte do mundo—e isso é muito significativo. Contudo, ela faz parte de uma história maior—desconhecida para a maioria das pessoas, mas que tem seu começo nas páginas da Bíblia. Segundo as promessas de Deus, uma dinastia duradoura faria parte da herança da antiga Israel. Enfim, essa sucessão dinástica culminaria no reinado do Messias ou Cristo, um grande rei da linhagem do rei Davi, que reinaria perpetuamente no trono de Israel e estabeleceria Seu domínio sobre todas as nações.

Esse Messias, Jesus Cristo, veio como descendente de Davi, mas ainda não ocupou o trono davídico como foi predito. Ao anunciar a Maria que ela daria à luz o prometido Messias, o anjo Gabriel disse-lhe: “E eis que em teu ventre conceberás, e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus. Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, Seu pai, e

reinará eternamente na casa de Jacó [ou Israel], e o Seu Reino não terá fim” (Lucas 1:31-33; comparar Isaías 9:6-7).

Isso aponta para o futuro Reino de Deus sobre todas as nações, conforme anunciado em muitas profecias—evento central do evangelho ou boas novas proclamado por Jesus. Mas podemos nos perguntar como Jesus continuaria a dinastia israelita de Davi, especialmente porque essa dinastia deixou de reinar na Terra Santa quando os babilônios invadiram e destruíram Jerusalém por volta de 587 a.C.—aparentemente destruída há mais de cinco séculos antes de Sua primeira vinda. Então, como Jesus vai herdar um trono que não existe mais?

Como veremos mais adiante, Deus fez uma inquebrantável promessa a Davi de uma dinastia perene, declarando que seu trono seria edificado por todas as gerações até o reinado do futuro Messias. Jesus deve retornar a *uma grandiosa monarquia que precisa existir no fim dos tempos*.

Este artigo sobre o assunto está dividido em duas partes. Nesta primeira parte trataremos sobre como Deus estabeleceu uma dinastia israelita perpétua através do rei Davi e seus descendentes—junto com o dilema dessa dinastia, aparentemente extinta há centenas de anos. E na segunda parte vamos descobrir qual é a conexão disso com a monarquia britânica.

A promessa do cetro: de Judá até ao Messias

Começamos com as primeiras menções de uma linhagem de reis

nas Escrituras, conforme revelado no livro de Gênesis ao patriarca Abraão e seus primeiros descendentes, particularmente Judá, muito antes da existência desses reis.

Deus prometeu que os descendentes de Abraão se tornariam nações grandemente abençoadas através das quais o mundo seria abençoado—em parte por meio dessa linhagem de reis. Deus disse-lhe: “E te farei frutificar grandissimamente e de ti farei nações, e reis sairão de ti” (Gênesis 17:6).

Alguns pensam que isso se refere aos diversos povos árabes descendentes de Abraão, além de sua linhagem através de seu filho Isaque e seu neto Jacó. Mas as promessas sobre grandeza nacional e reis estão em passagens sucessivas que se restringem a essa linhagem primária. E no mesmo capítulo vemos que essas promessas viriam por meio de um filho da esposa de Abraão, Sara, referindo-se a Isaque: “...e a abençoarei, e será mãe das nações; reis de povos sairão dela” (Gênesis 17:16).

Posteriormente, especifica-se que essas promessas viriam através do filho de Isaque, Jacó. Como Deus disse-lhe em Gênesis 35:11: “Eu sou o Deus Todo-poderoso; frutifica e multiplica-te; uma nação e multidão de nações sairão de ti, e reis procederão de ti”. Deus mudou o nome de Jacó para *Israel*—e seus doze filhos seriam os pais das doze tribos de Israel.

Mais tarde, aprendemos que essas bênçãos da primogenitura de grandeza nacional passaram para o filho de Jacó, José—especificamente para os dois filhos de José, Efraim e Manassés. Ao profetizar sobre os últimos dias, Jacó disse que Efraim se tornaria uma grande *agregação* de nações, enquanto Manassés se tornaria uma grande e única nação (ver Gênesis 48; 49:1, 22-26).

Mas também somos informados que, embora o direito da primogenitura de grandeza nacional fosse para os descendentes de José, a *linhagem de reis* foi dada a outra tribo, os descendentes de Judá, filho de Jacó (ver 1 Crônicas 5:1-2).

Também encontramos isso na profecia de Jacó sobre os últimos dias, onde ele disse: “O cetro [ou poder do governo real] não se arredará de Judá, nem o bastão de entre seus pés, até que venha Siló; e a ele obedecerão os povos” (Gênesis 49:10, ARA).

A palavra “Siló” é traduzida de várias maneiras como, por exemplo, “[O] Pacificador”, “[O] Enviado” ou “[O] Precursor” (como descendente). Designando aquele a quem o cetro do governo realmente pertence, ela é comumente entendida como uma referência ao futuro Messias. Então, a dinastia dominante seria da tribo de Judá até que o Messias viesse reinar.

Ainda em relação a Judá, devemos observar o estranho incidente com o nascimento de seus filhos gêmeos, Perez e Zerá. A mão de Zerá saiu primeiro, e um fio escarlate foi amarrado a ela para marcá-lo como primogênito. Mas, ele tornou a recolher a sua mão e o outro gêmeo nasceu primeiro, recebendo o nome de Perez, que significa “brecha” ou “ruptura” (ver Gênesis 38:27-30).

Esse é um incidente muito estranho de se registrar se não tivesse algum significado, especialmente para os descendentes de Judá, que receberiam a linhagem real—a ordem de nascimento é um fator determinante nisso. Curiosamente, depois vemos as Escrituras citarem muito pouco os descendentes de Zerá em comparação com a maioria dos judeus da terra e a família real de Davi, descendente de Perez. Esse estranho incidente pode ter levado a uma rivalidade entre os clãs. Voltaremos a esse assunto mais adiante.

A aliança davídica: uma dinastia perpétua

Os descendentes de Israel cresceram em uma nação relativamente grande enquanto eram escravos no Egito e, ao partirem dali sob o comando de Moisés, fizeram um pacto com Deus, reconhecendo-O como seu Governante. E de fato Deus foi o primeiro rei de Israel, mas depois o povo exigiu um rei humano na época de Samuel (ver 1 Samuel 12:12; 8:7).

Na verdade, o Senhor que interagiu com o povo naquele tempo em nome de Deus Pai, a Rocha espiritual que habitava presencialmente entre eles como seu Deus e Governante, era o Verbo divino que se tornou Jesus Cristo (João 1:1-3, 14; 8:58; 1 Coríntios 10:4). O trono da nação Lhe pertencia, ainda mais porque Ele, como o Criador, era o Pai da humanidade e de Israel e sua linhagem de reis.

Então, Deus governou através de juizes, sacerdotes, profetas e anciãos escolhidos e também pela intervenção pessoal para dirigir a nação. Contudo, o povo rejeitou o sistema de governo divino, que lhes proporcionava muita liberdade, em favor de um governo mais autoritário. Evidentemente, Deus havia predito uma linhagem de reis, mas a intenção do povo era ser como as outras nações ao seu redor, tendo um paladino humano para protegê-los e governá-los. Deus autorizou que tivessem um rei humano—mas que fosse sujeito às Suas leis e a regras exclusivas dos reis (Deuteronômio 17:14-20).



Deus fez uma promessa inquebrantável a Davi de uma dinastia perene, declarando que seu trono seria edificado por todas as gerações até o reinado do futuro Messias.

Mais tarde, vemos a explicação de que os reis israelitas se assentavam no trono do SENHOR (1 Crônicas 29:23; 2 Crônicas 9:6-8)—governando *para* Ele em uma espécie de corregência, mas o trono ainda pertencia a Deus.

Temos exemplos de um rei humano entronizando seu filho para assumir os deveres da realeza enquanto seu pai ainda estava vivo—como Davi fez com Salomão. Desse modo, havia dois reis ao mesmo tempo, um governando pelo outro. (Ademais, vemos isso num evento no céu em que o Pai permite que Seu Filho, Jesus Cristo, sente-se com Ele em Seu trono para que ambos governem). Igualmente, os reis de Israel estavam em um relacionamento especial com Deus enquanto reinavam por Ele.

O primeiro rei humano da nação, além de algumas tentativas frustradas no período dos juizes, foi Saul, que era da tribo de Benjamim e não de Judá. Porém, Saul foi rejeitado por Deus



depois de persistir em se rebelar contra Suas diretrizes, então Deus escolheu Davi, da tribo de Judá.

Contudo, o que aconteceria se Saul tivesse permanecido fiel? O trono ainda teria que passar para Judá de alguma forma, segundo a promessa do cetro—e Deus poderia resolver isso facilmente, talvez através de casamentos mistos que preservavam ambas as linhagens.

Em 2 Samuel 7:11-16, Deus promete a Davi uma “casa”, ou dinastia, real duradoura através de seus descendentes, começando com Salomão, e que seu trono seria estabelecido para sempre. Deus disse o seguinte sobre os reis davídicos: “Eu lhe serei por Pai, e ele Me será por filho” (versículo 14). Deus estava falando do relacionamento especial que pretendia ter com esses governantes, que deveriam ser como filhos reinando para Ele como corregentes (algo que será totalmente cumprido no futuro Messias, o Filho de Deus).

Deus afirma ainda que julgaria misericordiosamente o sucessor de Davi, caso cometesse iniquidade, mas não eliminaria sua dinastia como fez com Saul. Entretanto, outras passagens mostram que a promessa de sucessividade reis era condicional (2 Crônicas 7:17-19)—enquanto a promessa de continuidade da dinastia de Davi era *incondicional*. Por causa das promessas de Deus, Salomão não foi removido do cargo quando voltou-se para o mal, mas perdeu a garantia de sucessão por meio de seus descendentes, assim essa sucessão poderia passar para outros membros da família davídica.

Deus continuou a dinastia de Davi através dos descendentes de Salomão, mas não se comprometeu em perpetuar a linhagem de Salomão—Ele *prometeu* uma casa permanente a Davi. Jesus Cristo viria a ser o último rei da linhagem de Davi, mas Ele *não era* biologicamente descendente de Salomão, e sim de outro filho de Davi, Natã. Contudo, Jesus herdou legalmente a linhagem salomônica por ter sido adotado por José, marido de Maria (ver Mateus 1:1-17; Lucas 3:23-38).

Após a morte de Salomão no ano 900 a.C., Deus trouxe um julgamento severo por causa da infidelidade dele e de toda a nação, dividindo a nação e mitigando o âmbito do governo da monarquia judaica nos séculos seguintes. As tribos do norte de Israel se rebelaram contra o governo de Roboão, filho de Salomão, aceitando serem governados por Jeroboão, ex-servidor de Salomão, assim Deus lhe entregou o governo da maior parte da nação (1 Reis 11-12).

Agora havia *dois* reinos israelitas—o reino do norte, Israel, e o reino do sul, Judá. O reino do norte, a casa de Israel, foi governado por uma série de dinastias e governos golpistas não-davídicos, sendo que as Escrituras mostram que nenhum desses reis eram justos. Enfim, após sucessivas invasões, o Império Assírio conquistou essa nação nos anos 700 a.C. e deportou seu povo.

O reino do sul, Judá, continuou sob o governo da dinastia davídica em Jerusalém, tendo alguns reis perversos e outros justos, até que também seria destruído por invasões babilônicas nos anos 500 a.C. e o povo levado cativo e o último rei de Judá destronado e seus filhos executados.

Mas como isso pôde acontecer, diante do que Deus havia prometido acerca da dinastia de Davi?

O Salmo 89 nos dá muito mais detalhes sobre essas importantes promessas feitas a Davi. Contudo, ele faz isso em meio à ruína da

monarquia e com o autor se perguntando como Deus poderia ter permitido isso, além de questionar por quanto tempo Ele deixaria que as coisas continuassem assim.

Os versículos 3-4 mostram a declaração de Deus: “Fiz aliança com o Meu escolhido e jurei a Davi, Meu servo: Para sempre estabelecerei a tua posteridade e firmarei o teu trono de geração em geração” (ARA). (Em breve voltaremos a esse ponto).

E Deus ainda decreta um futuro grandioso para essa monarquia: “E porei a sua mão no mar e a sua direita, nos rios...Também por isso lhe darei o lugar de primogênito; fá-lo-ei mais elevado do que os reis da terra” (versículos 25-27).

Esse domínio sobre o mar e exaltação sobre os reis da terra ocorreriam mesmo antes do reinado do Messias, então isso se encaixa no tempo em que os reis ainda transgrediam as leis de Deus e eram julgados por isso (ver versículos 31-33).

“Para sempre estabelecerei a tua posteridade e firmarei o teu trono de geração em geração”.

Então, reitera-se que nem mesmo a desobediência desses governantes sucessores acabaria com essa monarquia. Deus declara: “Farei durar para sempre a sua descendência; e, o seu trono, como os dias do céu...Não violarei a minha aliança, nem modificarei o que os Meus lábios proferiram. Uma vez jurei por Minha santidade (e serei Eu falso a Davi?): A sua posteridade durará para sempre, e o seu trono, como o sol perante Mim. Ele será estabelecido para sempre como a lua e fiel como a testemunha no espaço” (versículos 29, 34-37, ARA).

As promessas de Deus sobre a dinastia davídica foram declaradas inquebrantáveis. Mas então veio a destruição de Jerusalém e o fim da monarquia em Judá.

Os versículos 38-45 contêm um lamento a Deus: “Tu, porém, o repudiaste e o rejeitaste; e te indignaste com o teu unguento. Aborreceste a aliança com o teu servo; profanaste-lhe a coroa, arrojando-a para a terra. Arrasaste os seus muros todos; reduziste a ruínas as suas fortificações” (ARA).

“Despojam-no todos os que passam pelo caminho; e os vizinhos o escarnecem. Exaltaste a destra dos seus adversários e deste regozijo a todos os seus inimigos. Também viraste o fio da sua espada e não o sustentaste na batalha. Fizeste cessar o seu esplendor e deitaste por terra o seu trono. Abreviaste os dias da sua mocidade e o cobriste de ignomínia” (ARA).

Afinal, Deus descumpriu Suas promessas? *De modo algum*. Precisamos entender que alguns elementos-chave dessas promessas deixam claro que Deus não permitiria que essa dinastia davídica continuasse arruinada por muito tempo—essa dinastia seria restaurada antes que desaparecesse toda a geração que testemunhou seu colapso.

Um trono para todas as gerações

Em Jeremias 33 encontramos a reafirmação dessas promessas de uma dinastia inabalável e da continuidade do sacerdócio levítico: “Porque assim diz o SENHOR: Nunca faltará a Davi homem [uma pessoa] que se assente no trono da casa de Israel [mais adiante



Quatro gerações da família real britânica assistindo a um desfile da frota aérea na varanda do Palácio de Buckingham.

analisaremos essas palavras significativas]...”

“Se puderes invalidar a Minha aliança com o dia e a Minha aliança com a noite, de tal modo que não haja nem dia nem noite a seu tempo, poder-se-á também invalidar a minha aliança com Davi, Meu servo, para que não tenha filho [ou descendente] que reine no seu trono; como também com os levitas sacerdotes, Meus ministros. Como não se pode contar o exército dos céus, nem medir-se a areia do mar, assim tornarei incontável a descendência de Davi, Meu servo, e os levitas que ministram diante de Mim” (versículos 17-22, ARA).

Deus então declara: “Se a Minha aliança com o dia e com a noite não permanecer, e Eu não mantiver as leis fixas dos céus e da terra, também rejeitarei a descendência de Jacó e de Davi, Meu servo, de modo que não tome da sua descendência quem domine sobre a descendência de Abraão, Isaque e Jacó; porque lhes restaurarei a sorte e deles Me apiedarei” (versículos 25-26, ARA).

Para entender isso, precisamos analisar cuidadosamente o que Deus jurou a Davi em Salmos 89:3-4: “Estabelecerei a tua linhagem para sempre e firmarei o teu trono *por todas as gerações*” (NVI, grifo nosso). Essa passagem nos diz que o trono de Davi existiria em todas as gerações. Na verdade, isso permite interregnos ou lacunas no reinado da dinastia davídica—desde que a dinastia tenha sido restaurada dentro de alguma geração.

Houve uma grande lacuna no trono davídico quando a rainha Atalia, do reino nortenho de Acabe, assumiu o governo de Judá por seis anos, enquanto o herdeiro legítimo, um jovem chamado Joás ou Jeoás, foi mantido escondido (2 Reis 11:12; 2 Crônicas 22-23). Mas, finalmente, ele foi coroado rei com esta declaração: “Eis que o filho do rei reinará, como o SENHOR falou a respeito dos filhos de Davi” (2 Crônicas 23:3).

Ao refletir sobre o que Deus prometeu em Jeremias 33, é interessante notar que parte da nação de Judá e do sacerdócio levítico foram restaurados setenta anos após a queda de Jerusalém, ou seja, dentro da mesma geração. Mas e o trono de Davi? Vemos que alguns herdeiros da linhagem dessa dinastia foram trazidos de volta—linhagem da qual Jesus Cristo descendeu. Mas a monarquia davídica em Judá chegou ao fim.

Muitos afirmam que a dinastia davídica terminou com a queda de Jerusalém para os babilônios e que Jesus herdou um trono judaico

restaurado em Sua primeira vinda, e que assumiria o governo sobre ele em Sua ressurreição. Porém, isso significaria uma *lacuna de mais de quinhentos anos* no reinado da dinastia de Davi. Como isso pode se encaixar com um trono sendo estabelecido e mantido em *todas as gerações* desde o tempo de Davi?

Além disso, Jesus não assumiu o trono terreno de Davi em Sua primeira vinda ou quando ascendeu ao trono do Pai no céu após Sua ressurreição. Em uma parábola, Jesus se comparou a um nobre que “partiu para uma terra remota, a fim de tomar para si um reino e voltar depois” (Lucas 19:12). Portanto, Jesus não assumirá o governo no trono de Davi *até Seu futuro retorno*, aparentemente deixando uma lacuna na monarquia davídica de *mais de dois mil e quinhentos anos*. Porém, essa lacuna de muitas gerações contradiz a promessa de um trono que subsistiria em *todas as gerações*.

Também devemos observar o fato de que a passagem de Jeremias 33:26 mostra uma sucessão de governantes davídicos (plural) após a época de Jeremias, que viveu no fim da monarquia em Judá. Assim, isso não poderia ser cumprido apenas com a vinda do Messias no futuro. Na verdade, isso apontava para *outros* governantes davídicos, muito além da queda de Judá, que precederiam o futuro reinado messiânico.

Além disso, tenha em mente a promessa do cetro real em Gênesis 49, que permaneceria com a tribo de Judá nos últimos dias até a vinda do Messias para assumir o governo. Está muito claro que é necessário existir uma monarquia judaica nos últimos dias para que o Messias retome esse trono—e deve ser uma monarquia que tenha se mantido com os governantes da casa real de Davi.

Então, o que aconteceu com a dinastia davídica? E o que isso tem a ver com a monarquia britânica? E para entender como Deus cumpriu Suas inquebrantáveis promessas, não deixe de ler na próxima página a segunda parte deste artigo. **BN**



SAIBA MAIS

Esse incrível relato da história bíblica do trono britânico é explicado mais detalhadamente em nosso guia de estudo bíblico *Os Estados Unidos e a Inglaterra na Profecia Bíblica*, então peça ou baixe um exemplar grátis!

www.revistaboanova.org



A Identidade Bíblica da Família Real Britânica

(Segunda Parte)

Como vimos na primeira parte deste artigo, Deus prometeu ao rei Davi de Israel uma dinastia duradoura que ainda existiria em nosso tempo. Juntando as profecias bíblicas e a História, podemos ver o que aconteceu com aquela dinastia—descobrimo a notável conexão com o trono da Inglaterra e seu incrível futuro.

por Tom Robinson

A coroação do rei Charles III em maio deste ano atrairá novamente a atenção do mundo para a monarquia britânica—pouco tempo depois da repercussão mundial da morte de sua mãe, a rainha Elizabeth II. O que está por trás dessa antiga e contínua proeminência da família real do Reino Unido? Muitos ficarão surpresos ao saber que a resposta está nas páginas da Bíblia Sagrada—em suas promessas e profecias sobre a dinastia israelita do rei Davi.

A primeira parte deste artigo mostrou o prenúncio da perenidade do trono de Davi. Como vimos, Deus fez uma promessa inquebrantável a Davi de uma dinastia perdurável, afirmando que seu trono continuaria por todas as gerações até a chegada do reinado do Messias, Jesus Cristo, que deve retornar a uma grande monarquia ainda existente. E Deus tem garantido que isso acontecerá.

Na verdade, Deus predisse especificamente o que aconteceria—que o trono seria transplantado para outro lugar em uma série de reveses. O que se seguiu é uma história formidável que tem elementos nas Escrituras e na História e, até certo ponto, nas fábulas (embora nosso foco esteja principalmente no que está declarado na Bíblia). Aqui encontramos a conexão com a monarquia britânica.

Na primeira parte, vimos como o trono de Davi foi predito para durar, agora nesta segunda parte vamos explorar como esse trono foi transferido, onde está agora e onde estará perpetuamente.

A comissão de Jeremias e as filhas do rei

Continuamos de onde paramos, com a queda de Jerusalém pela Babilônia no século VI a.C. Como a monarquia continuou existindo após a queda do reino de Judá naquela época, considerando tudo o que Deus havia prometido?

O profeta Jeremias viveu naquela época, e já vimos que sua profecia sobre o trono de Davi afirmava que ele duraria como o ciclo do dia e da noite—com uma sucessiva pluralidade de governantes da linhagem de Davi e não apenas com o futuro Messias (Jeremias 33:17-26).

O ministério de Jeremias começou com uma missão importante, mas misteriosa, Deus disse-lhe: “Olha, ponho-te neste dia sobre as nações e sobre os reinos, para arrancares, e para derribares, e para destruíres, e para arruinares; e também para edificares e para plantares” (Jeremias 1:10).

Temos alguma noção do que isso significa pelo fato de que Jeremias estava na terra de Judá pregando à nação e a seus líderes durante sua destruição e deportação do povo. Ele disse ao povo para se submeter aos conquistadores babilônicos e aceitar a realocação para uma nova terra. Esse foi um “desenraizamento” da nação—e da monarquia.

A obra de Jeremias começou na época de Josias, um rei justo. Josias morreu e foi brevemente sucedido por seu filho Jeoacaz, que logo foi deposto pelos egípcios e levado para o Egito, onde morreu. Os egípcios nomearam outro filho de Josias para substituí-lo, mudando seu nome para Jeoiaquim. Este governante iníquo foi morto pelos babilônios e substituído por seu filho Joaquim ou Jeconias.

Logo depois, o governante babilônico Nabucodonosor depôs Jeconias e o levou cativo para a Babilônia. Então, seu tio, outro filho de Josias, renomeado para Zedequias, o sucedeu. Posteriormente, Zedequias, que também acabou sendo um governante perverso, foi capturado enquanto tentava fugir da invasão babilônica, e é obrigado a ver os filhos serem executados antes de ser cegado e levado para a Babilônia, onde morreu. Esse foi o fim da monarquia judaica em Judá.

Alguns depositaram esperanças na sucessão dinástica por meio de Jeconias (também conhecido como Conias), que permaneceu vivo por algum tempo na Babilônia e teve descendentes importantes. Mas, Deus o declarou “sem filhos” em relação ao trono, afirmando que nenhum de seus descendentes se sentaria no trono de Davi para governar em Judá (Jeremias 22:30).

Aliás, o pai adotivo de Jesus, José, era descendente de Jeconias (Mateus 1:11, 16). Portanto, Jesus tinha herança legítima nessa linhagem, mas se fosse filho biológico de José teria sido desqualificado para reinar no trono de Davi. Na verdade, através de um milagre divino, Jesus era filho de Maria, que era descendente de Davi por uma linhagem diferente (como geralmente é entendida a genealogia de Lucas 3:23-31).

Então, a morte dos filhos de Zedequias realmente marcou o fim da dinastia davídica? Pode ter parecido assim—até mesmo para Nabucodonosor, que procurava acabar com as insurreições do povo judeu. Pode ser que ele desconhecia isso, mas havia outra maneira pela qual a linhagem real poderia continuar existindo.



O profeta Jeremias recebeu uma misteriosa incumbência de arrancar e replantar algo em outro lugar.

Em Jeremias 41:10, somos informados que um remanescente de Judá na terra incluía “as filhas do rei”. Elas eram jovens, possivelmente adolescentes, pois Zedequias, seu pai, tinha apenas trinta e dois anos quando morreu (ver 2 Crônicas 36:11), que ocorreu alguns anos depois disso.

Em Jeremias 42 e 43, ainda temos a informação de que um grupo de remanescentes da nação decidiu deixar o país para se refugiar no Egito, desafiando o que Deus lhes ordenou por meio de Jeremias. Eles levaram consigo as filhas do rei e também Jeremias e seu escriba Baruque contra sua vontade (Jeremias 43:4-9).

Eles foram para a “casa de Faraó em Tafnes”, ou Dafne em grego, uma fortaleza palaciana num braço oriental do rio Nilo, onde, segundo a história, o faraó Hofra tinha mercenários gregos e cários posicionados no sudoeste da Turquia. Parece que Hofra estava dando asilo às filhas de seu falecido aliado Zedequias porque também era adversário de Nabucodonosor.

Mas isso era relevante? Essas princesas poderiam herdar a monarquia? Certamente. Em Números 27:1-11, temos o relato sobre as filhas de Zelofeade, que foram até Moisés argumentando que a herança de seu pai deveria ser passada para elas, pois ele não teve filhos homens para herdá-la, e Deus disse que elas tinham razão. Assim, a herança passaria para suas filhas. Parece que isso também se aplica ao trono, pois, como mencionado antes, o terceiro capítulo do evangelho de Lucas apresenta Cristo como herdeiro da linhagem davídica por meio de Sua mãe, Maria.

Tudo isso é significativo à luz da comissão de Jeremias de arrancar e replantar em outro lugar concernente a nações e reinos. Por acaso, seria apenas coincidência que na época da destruição de Judá e sua monarquia, Jeremias, que tinha essa comissão especial, ter sido enviado para fora do país com as filhas do rei, que assim escaparam do extermínio da família de Zedequias? Não. E isso é *multíssimo* significativo, especialmente à luz de outras profecias e fatores históricos.

A profecia de Ezequiel sobre a transplantação do trono de Judá para Israel

Através do profeta Ezequiel, contemporâneo de Jeremias, Deus

fornece mais detalhes sobre isso. Ezequiel não estava em Jerusalém durante sua queda, mas viveu entre os judeus que tinham sido levados cativos para a Babilônia uma década antes. Ele profetizou especificamente sobre a transferência do trono de Judá.

Através do profeta Ezequiel, Deus apresentou, e logo depois explicou, um enigma e uma parábola para a casa de Israel (Ezequiel 17:2)—*não para a casa Judá*. O povo do reino nortenho de Israel tinha sido levado cativo um século e meio antes de Judá, mas os eventos profetizados eram importantes para o futuro deles.

Analisaremos aqui alguns versículos do capítulo dezessete de Ezequiel, mas você pode encontrar uma explicação mais abrangente desse capítulo em nosso Comentário Bíblico online sobre o livro de Ezequiel (disponível futuramente em português).

Observe o simbolismo do versículo 3: “Uma grande águia...veio ao Líbano e levou o mais alto ramo de um cedro. O Líbano era uma referência a toda a área da Terra Santa, chamada “este Líbano” em Josué 1:4, e não apenas ao país que tem esse nome hoje. Isso designava especialmente os altos cedros do Líbano, que eram usados nos edifícios da realeza de Jerusalém. Assim, aqui o Líbano e o cedro significam a terra de Judá e seus líderes em Jerusalém. Podemos ver a interpretação no versículo 12: “Eis que veio o rei de Babilônia a Jerusalém, e tomou o seu rei e os seus príncipes”.

O versículo 4 afirma: “E arrancou a ponta mais alta dos seus ramos”. E o significado? “E tomou um da descendência real” (versículo 13, ACF). O versículo 4 mostra a semente da terra, o povo de Judá, sendo plantada em outro lugar para se desenvolver.

Após explicar esses símbolos, Deus, através do profeta, entregou a seguinte parábola nos versículos 22-24: “Também Eu [desta vez Deus, não Nabucodonosor] tomarei um broto [Zedequias e os príncipes] do topo do cedro [Judá], e o plantarei; do principal dos seus renovos [filhos de Zedequias] cortarei o mais tenro [as filhas, únicas sobreviventes, pois os filhos foram mortos], e o *plantarei* sobre um monte alto e sublime [um grande reino ou nação, como costumam significar os montes na profecia]” (ACF).

“No monte alto [o topo do reino, o trono] de *Israel* [não de Judá!] o plantarei, e produzirá ramos, e dará fruto, e se fará um cedro excelente; e habitarão debaixo dele todas as aves de toda sorte de asas [todo tipo de povo]...Assim saberão todas as árvores do campo [nações da Terra] que Eu, o SENHOR, abati a árvore alta [Judá], elevei a árvore baixa [Israel]” (ACF, grifo nosso).

Nabucodonosor estava transplantando o povo de Judá para a Babilônia, mas *Deus estava transplantando o que restava da família real de Judá para Israel*. Assim, a nação de Israel não estaria mais na Terra Santa, pois seu povo estava indo para longe.

Paralelamente, precisamos ler de novo algo já observado no livro de Jeremias. Em Jeremias 33:17, Deus predisse que daquele tempo em diante “nunca faltará a Davi varão [uma pessoa] que se assente sobre o trono da casa de *Israel*”—novamente, a casa de Israel e não a casa de Judá. Desde a divisão do reino sob o governo do filho de Salomão, Roboão, os reis davídicos governaram a casa de Judá. Mas, agora s declara-se que eles reinarão perpetuamente sobre a casa de Israel. Então, isso se alinha precisamente com a profecia do trono sendo transplantado para o monte ou nação de Israel em Ezequiel 17, ratificando isso duas vezes.

Uma transferência histórica: lendas em perspectiva

Então, conectando essas profecias com a comissão que Jeremias



recebeu de arrancar, replantar e reconstruir, junto com o fato de que a última vez que o vimos ele estava fora do país com as filhas do rei, podemos ver o que estava acontecendo—ainda que não saibamos exatamente como. Jeremias estava conduzindo a transferência da monarquia davídica de Judá para Israel, como Deus havia declarado que aconteceria.

Mas onde estavam esses israelitas nessa ocasião? Conforme explicado em nosso guia de estudo bíblico *Os Estados Unidos e a Inglaterra na Profecia Bíblica*, as tribos do norte, que foram levadas pelos assírios, estavam, nessa época posterior, em processo de migração para fora do Oriente Médio e se deslocando para o oeste através da Europa. E as primeiras migrações por via marítima já haviam trazido muitos israelitas para o Mediterrâneo Ocidental e para as Ilhas Britânicas. A seguir mostraremos por que a Irlanda deve ter sido o lugar para onde a dinastia davídica foi transplantada na época de Jeremias.

Ademais, tudo indica que a transferência do trono teria envolvido o casamento entre uma das filhas do rei da linhagem davídica e um dos governantes das tribos do norte. Mas como o cetro deveria permanecer com Judá e não ficar com outra tribo, faz sentido que a realeza dentre os israelitas dispersos, na qual a filha do rei se casaria, também fosse judia, mas não tão distante da linhagem de Davi.

Observe novamente a questão mencionada antes sobre o fio escarlate na mão de Zerá, filho de Judá, embora Perez tenha nascido primeiro. Os descendentes de Zerá quase não são mencionados na Bíblia. A maioria dos judeus na Terra Santa era descendente de Perez. Evidentemente, os zeraítas migraram para outro lugar. Há evidências históricas da presença do povo de Judá entre os primeiros cretenses, gregos e troianos, junto com o povo da tribo de Dã—a princípio, os danitas navegavam em navios junto com o povo de Javá ou Grécia (ver Juízes 5:17; Ezequiel 27:19).

As antigas histórias irlandesas mencionam o povo Tuatha de Danaan como os primeiros colonos (a tribo de Dã). E, mais tarde, a Irlanda foi conquistada por um povo chamado de milesianos, que vieram através da Espanha, e que podem ser rastreados até a cidade grega/cária de Mileto. (Essas eram as mesmas pessoas que estavam em Dafne, no Egito, cuidando das filhas do rei judeu para o faraó). Se os milesianos remontam a Mileto, então sua entrada na Irlanda teria sido nos anos 500 a.C.—quando essa cidade-estado era historicamente uma potência colonizadora.

Observe também que os milesianos que vieram para a Irlanda carregavam uma insígnia, conhecida mais tarde como a Mão Vermelha do Ulster, que tinha algumas imagens circundadas por um cordão vermelho. Isso parece intimamente relacionado ao fio escarlate de Zerá. Então, essa seria uma maneira de fechar a brecha entre Zerá e Perez—um casamento entre as dinastias de Perez e Zerá.

Também há muitas outras lendas sobre diversas pessoas nessa transferência da monarquia. Os irlandeses têm histórias de um velho profeta ou rei vindo do Leste com um escriba e uma princesa—chamada Tamar ou Tea-Tephi, junto com a Lia Fáil ou Pedra do Destino.

Os escoceses, que vieram da Irlanda, afirmam que sua realeza descende da filha de um faraó chamada Scota (que talvez não seja um nome real, mas um epônimo, um suposto fundador de um povo que recebeu seu nome). Talvez aqui haja alguma confusão com a filha de um governante oriental que ficou sob a proteção de

um faraó e que acabou sendo chamada de filha de um faraó.

Há várias possibilidades e maneiras pelas quais isso poderia ter ocorrido. Mas precisamos ser cautelosos quanto a isso, pois os registros parecem ser confusos, e os personagens dessa história nem sempre se encaixam no tempo ou na genealogia histórica. Portanto, esse material não é tão confiável em muitos aspectos.

Vejamos a seguinte citação de um professor de antropologia na revista *Archaeology*: “Uma das coisas interessantes sobre o trabalho arqueológico na Irlanda é que os primeiros manuscritos medievais preservam muitos contos sobre esses locais. Algumas histórias são claramente mitológicas, outras são pseudo-história—invenção medieval—e nem sempre é fácil diferenciá-las...”

Atualmente, vemos muitos problemas na casa de Davi. Mas, além das provações desta era, Deus lhe trará redenção e restauração.

“O estudo da mitologia irlandesa e de manuscritos antigos tem sido limitado por uma série de circunstâncias, começando com a proibição de possuir manuscritos irlandeses antigos durante a Reforma [Protestante] no início do século XVII. A queima de livros era comum e quase todo o material sobre os primórdios da Irlanda foi perdido. E não houve nenhum projeto de pesquisa histórico-cultural até a década de 1830, quando alguns manuscritos restantes começaram a vir à tona”.

“Ao longo dos anos, apenas alguns poucos pesquisadores sabiam ler o irlandês antigo, e ainda hoje há poucos que conseguem. Além disso, os estudiosos e escribas que redigiram os manuscritos costumavam usar uma forma ainda mais antiga da língua irlandesa, de modo que as traduções podem diferir. Contudo, os manuscritos são decisivos para qualquer compreensão dos locais pré-cristãos na Irlanda” (“The Sacred Landscape of Ancient Ireland” [A Paisagem Sagrada da Antiga Irlanda, em tradução livre], Ronald Hicks, maio-junho de 2011, pp. 40-41).

E também podemos acrescentar que a perspectiva adequada sobre a confiabilidade limitada desse material originário é crucial para reunir o histórico dessa transferência.

A coisa mais importante que precisa ser entendida é que na verdade não precisamos de tudo isso para ver que essa transferência aconteceu, como a Bíblia nos diz que deveria acontecer. Ainda assim, o fato é que essas informações podem destacar diversas e detalhadas maneiras de como isso pode ter acontecido e respaldar a conclusão geral.

Na verdade, o que é preciso para chegar a essa conclusão é o conhecimento das profecias sobre a transferência do trono de Judá para Israel, bem como as profecias sobre onde Israel estaria e quais são as atuais e principais nações israelitas do tempo do fim no cenário mundial. Qualquer uma delas que tenha uma monarquia proeminente, que foi transferida de outro lugar, é a que detém a monarquia de Davi.

E é possível vermos ver isso muito claramente. Como demonstra nosso guia de estudo bíblico *Os Estados Unidos e a Inglaterra na Profecia Bíblica*, os povos britânico e estadunidense herdaram

as bênçãos de primogenitura da grandeza nacional no tempo do fim, que foram prometidas a Efraim e Manassés. Pois, se eles não herdaram essas promessas, então quem herdou?

A Inglaterra tem uma monarquia antiga e duradoura que, durante séculos, foi a mais proeminente do mundo. A Rainha Vitória governou mais de um quarto da Terra e o Império Britânico foi o maior império que o mundo já viu!

E o que dizer sobre essa transferência de monarquia?

A profecia de Ezequiel sobre os reveses históricos

A monarquia britânica foi transferida de outro lugar? Sim, da Escócia. O rei James VI da Escócia tornou-se James I da Inglaterra, o primeiro a se intitular rei da Grã-Bretanha. E a monarquia da Escócia tinha sido anteriormente transferida da Irlanda—por meio da sobreposição do reino gaélico de Dalriada, que se estendia do nordeste da Irlanda ao sudoeste da Escócia. E as histórias irlandesas mostram que a alta realeza irlandesa foi transferida pelos milésimos, como mencionado antes, evidentemente na época de Jeremias.

E isso se encaixa perfeitamente com outra profecia de Ezequiel, que fala sobre o fim da monarquia em Judá sob o governo de Zedequias. Nela, Deus diz para declarar o seguinte ao rei:

“Tira o diadema, e remove a coroa; esta não será a mesma [estava ocorrendo uma mudança ou transferência]; exalta ao humilde [o governante de Israel, talvez da linhagem judaica de Zerá], e humilha ao soberbo [Zedequias da linhagem de Perez até Davi, segundo as posições invertidas que vimos anteriormente em Ezequiel 17:24]. Ao revés, ao revés, ao revés porei aquela coroa [isto é, o trono], e ela não mais será [derrubada] até que venha aquele a quem pertence de direito; a ele [Cristo] a darei” (Ezequiel 21:26-27, ACF).

Nessa passagem, a Bíblia Almeida Revista e Atualizada diz: “Ruína! Ruína! A ruínas a reduzirei” e “já não será”, o que significa que esse trono não existirá mais até que venha Aquele a quem pertence de direito. Mas, isso não faz o menor sentido. Pois, se está totalmente destruído e não existe mais, como poderia ser entregue a alguém? Esse trono teria desaparecido se inexistisse por centenas de anos.

A palavra hebraica traduzida como “ruína”, *avvah*, ocorre apenas aqui. Alguns veem seu significado como arruinado ou corrompido, mas, provavelmente, o sentido literal é derivado de *avah*, que significa virar ou dobrar. Então, poderia se tratar de distorção ou deslocamento, condizendo com o trono sendo movido ou deslocado de onde deveria estar na Terra Santa e, em seguida, sendo deslocado ainda mais.

Alternativamente, pode se referir à inversão de posições advinda de cada transferência—rebaixamento e exaltação, como vemos em Ezequiel 17. Em todo caso, ser arruinado se encaixa bem com outras profecias relacionadas de desenraizamento e transplantação.

Supondo que isso se refira a três transferências, então isso se encaixaria no que sabemos sobre as realocações do trono. Recapitulando, o terceiro revés foi da Escócia para a Inglaterra, onde ainda permanece. O segundo revés foi da Irlanda para a Escócia. Então, o primeiro teria sido necessariamente de Judá à Irlanda. Contudo, isso provavelmente não ocorreu de forma rápida. Essa lacuna dinástica poderia durar muitos anos, contanto que o trono fosse restabelecido em uma geração.

E, novamente, ao invés dessa passagem dizer que o trono não existiria mais ou desapareceria, ela parece dizer que o trono não sofreria mais reveses até a vinda Daquele a quem ele pertence. Isso se encaixa com Cristo reivindicando o cetro em Seu retorno de acordo com a promessa do cetro.

Então, não haverá mais reveses até esse ponto, pelo menos até haver o *último e quarto* revés—da Inglaterra de volta a Jerusalém. E isso pode muito bem incluir uma lacuna na monarquia devido ao poder da Besta profetizado para o tempo do fim, um futuro Império Romano revivido, que vai conquistar a Inglaterra e depor seu governo. (Mais uma vez, consulte nosso guia de estudo bíblico gratuito *Os Estados Unidos e a Inglaterra na Profecia Bíblica*).

Mas, se a monarquia entrar em colapso nessa época, ela logo será restaurada após Cristo voltar para reinar.

Cristo retorna para reinar e compartilhar o governo com Seus seguidores

O legítimo herdeiro do trono retornará para reivindicá-lo—Aquele que tinha direito ao trono desde o princípio virá como Filho de Davi e Filho de Deus para reinar sobre Jacó e todo o mundo. Esse é o surpreendente futuro do trono da Inglaterra—que, na verdade, é o trono israelita de Davi.

Entretanto, Jesus não reinará sozinho nesse trono. Pois, como Ele promete a Seus seguidores desta era: “Ao que vencer, lhe concederei que se assente Comigo no Meu trono, assim como Eu venci e Me assentei com Meu Pai no Seu trono” (Apocalipse 3:21). Ele recebeu essa corregência com o Pai, mas a compartilhará conosco.

E a Bíblia nos diz claramente que o próprio rei Davi será ressuscitado para reinar sobre os israelitas (Jeremias 30:8-9; Ezequiel 37:24-28). Jesus ainda revelou que Seus doze apóstolos se assentarão “sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel” (Mateus 19:28).

Então, eles reinarão sob Davi, que reinará sob Cristo. Apocalipse 20:4 refere-se a vários tronos para os santos, mas todos eles são parte ou extensões do trono de Cristo em Jerusalém. “Naquele tempo, chamarão Jerusalém de trono do SENHOR, e todas as nações se ajuntarão a ela” (Jeremias 3:17).

O povo judeu ficou sem rei por todo esse tempo, mas eles verão o retorno do Messias e, finalmente, O aceitarão e se arrependerão sinceramente. Então, o Espírito de Deus será derramado sobre o restante dos descendentes físicos da casa de Davi, a família real, para que sejam convertidos (Zacarias 12:7-13:1). Atualmente, vemos muitos problemas na casa de Davi. Porém, além das provações desta era, Deus lhe trará redenção e restauração e nos conduzirá para o futuro que Ele planejou para nós.

Surpreendentemente, todos nós que seguimos a Jesus Cristo estamos destinados a ser reis, governando com Ele no Reino de Deus, como família imortal de Deus e família de Israel glorificada, no trono de Davi—para sempre! **BN**

	<p>SAIBA MAIS</p> <p>E para mais explicações dos detalhes proféticos dessa incrível história e do registro bíblico do trono britânico, peça ou baixe nosso guia de estudo bíblico gratuito <i>Os Estados Unidos e a Inglaterra na Profecia Bíblica</i>.</p> <p>www.revistaboanova.org</p>
---	--



Seria Racismo Reconhecer a Identidade Nacional de Israel?

Embora não seja comumente entendido, os Estados Unidos, a Inglaterra e outras nações da herança do noroeste da Europa, em grande parte, são descendentes dos antigos israelitas da Bíblia. Contudo, muitos veem essa identificação com desdém e como algo racista. É verdade que alguns crentes agiram de forma preconceituosa quanto ao chamado israelismo britânico, e um dos piores exemplos é o movimento denominado erroneamente como “Identidade Cristã”, pois este é um movimento hediondo, supremacista branco e antisemita. Entretanto, o verdadeiro ensinamento bíblico sobre a identidade de Israel é de fato *antirracista*.

As bênçãos nacionais e a posição que Deus concedeu aos povos de língua inglesa devem ser entendidas não como uma questão de supremacia racial, mas de herança e responsabilidade de família. Basicamente, as nações se formaram a partir de famílias. E Deus diz que pretende abençoar todos os povos por meio dos israelitas. Atualmente, muitos agitadores marxistas buscam erradicar da sociedade essa herança de família. Porém, a herança dentro de uma família, na verdade a família de Israel, está no cerne do propósito e plano de Deus para a humanidade.

É fato que Deus escolheu um homem em particular, o patriarca Abraão, e seus descendentes para cumprir um papel especial no mundo. O Deus Criador tem todo o direito de conceder bênçãos e atribuir deveres a quem Ele quiser. E Deus fez promessas específicas sobre isso a Abraão, seu filho Isaque e seu neto Jacó, que recebeu o nome de Israel. Isso não significa que eles ou seus descendentes eram inerentemente superiores a outras pessoas (Deuteronômio 7:7-8; 9:6). Na verdade, ao longo das Escrituras, Deus é muito mais crítico com os israelitas do que com os outros povos, pois eles são julgados de acordo com o entendimento de sua herança e bênçãos. Como Jesus declarou: “E a qualquer que muito for dado, muito se lhe pedirá” (Lucas 12:48).

A herança étnica israelita não é motivo de arrogante ostentação, embora alguns a tratem assim. Um dos propósitos fundamentais da nação de Israel era servir de exemplo para o resto do mundo quanto ao que acontece com uma sociedade que honra ou rejeita a Deus. Diversas profecias dizem respeito às grandes bênçãos nacionais de Israel nesta era e numa era vindoura. Porém, muitas outras alertam sobre as terríveis consequências que viriam sobre os israelitas como julgamento pelos flagrantes pecado e rebelião contra Deus.

Portanto, não é razoável rotular como racista o direcionamento dessas advertências bíblicas aos seus respectivos destinatários. Tampouco é racista expressar gratidão pelos aspectos positivos desse legado nacional. Em vez disso, é sensato e apropriado focar em exemplos virtuosos (Filipenses 4:8), compreendendo que todos os seres humanos, exceto Jesus, são terrivelmente falhos.

O registro bíblico mostra tanto os triunfos quanto as tragédias morais da história de Israel, e também vemos isso na história pós-bíblica e nas profecias ainda a serem cumpridas. Uma observação importante é que Deus tem selecionado um determinado grupo de pessoas para Seus propósitos sagrados, mas sem garantir-lhe facilidades e privilégios—longe disso! No musical estadunidense *Fiddler on the Roof* (Um Violinista no Telhado), o personagem principal Tevye, refletindo um sentimento judaico comum após uma sequência de perseguições, implora a Deus: “Eu sei que somos o povo escolhido,

mas de vez em quando o Senhor não poderia escolher algum outro?”.

Nenhum seguidor de Jesus Cristo deve apoiar ou disseminar o racismo. Pois, Deus chama pessoas de “todas as nações, e tribos, e povos, e línguas” (Apocalipse 7:9). A Bíblia afirma que todas as pessoas, independentemente da origem étnica, são da “descendência de Deus” (Atos 17:29, NVI) e têm o potencial de se tornarem filhos glorificados na família divina.

O apóstolo João escreveu que o amor de Deus *por todo o mundo* motivou o envio de Jesus para morrer pelos pecados das pessoas (João 3:16). Além disso, Deus levou o apóstolo Pedro a declarar: “Reconheço, por verdade, que *Deus não faz acepção de pessoas*; mas que *lhe é agradável aquele que, em qualquer nação*, O teme e faz o que é justo” (Atos 10:34-35, grifo nosso). Deus não julga a cada um de nós por nossos ancestrais ou pela cor da pele, mas por quem somos por dentro: “Porque o SENHOR não vê como vê o homem. Pois o homem vê o que está diante dos olhos, porém o SENHOR olha para o coração” (1 Samuel 16:7).

A Bíblia revela que haverá harmonia entre as raças quando Cristo governar o mundo no Reino de Deus, pois as antigas inimizades serão resolvidas: “Naquele dia, Israel será o terceiro com os egípcios e os assírios, uma bênção no meio da terra. Porque o SENHOR dos Exércitos os abençoará, dizendo: Bendito seja o Egito, Meu povo, e a Assíria, obra de Minhas mãos, e Israel, Minha herança” (Isaías 19:24-25). Entretanto, isso não torna irrelevante a linhagem física. Observe que distintos grupos étnicos ainda existirão durante o futuro reinado de Cristo.

Paulo, o apóstolo dos gentios, salientou a importância de sua linhagem étnica: “Porque também eu sou israelita, da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim” (Romanos 11:1). Evidentemente, nossa linhagem mais importante é a espiritual, pois temos Deus como nosso Pai através do Espírito Santo. Contudo, as Escrituras equiparam isso a tornar-se um verdadeiro israelita. Como Paulo explicou, Jesus Cristo é a Semente perfeita de Abraão, pois todos os outros estavam desqualificados para receber essa herança definitiva por causa do pecado—ainda assim, todos os que se arrependem e se unem a Cristo, através do recebimento do Espírito Santo, tornam-se semente de Abraão e cordeiros com Cristo, como Israel, inclusive aqueles que são etnicamente gentios (Gálatas 3; 6:16; Romanos 2:28-29; 8:14-17; 9:1-8; 11; Efésios 2:11-22).

É importante entender que pessoas de todas as nações precisam se tornar israelitas para serem salvas. Afinal de contas, a família divina estará na Israel glorificada, e os portões dessa Nova Jerusalém, citada em Apocalipse 21-22, levam os nomes das doze tribos. Embora isso nos mostre um mundo abençoado por meio de Israel na eternidade, precisamos entender que Deus abençoou, de muitas formas, o mundo desta era através da descendência de Abraão—principalmente por meio de Jesus Cristo, mas também pelos imensos benefícios que Deus proporcionou ao mundo por meio da família que Ele escolheu. Tudo isso, de um extremo a outro da Bíblia, mostra que a herança nacional israelita é essencial no plano de Deus para a humanidade.

Portanto, proclamar quem são os povos israelitas hoje não é uma atitude racista, mas um reconhecimento do que Deus tem feito ao longo dos séculos para realizar Seu grande plano de abençoar todos os povos por meio de Israel.

O Evangelho e o Trono de Davi

Nosso guia de estudo bíblico *Os Estados Unidos e a Inglaterra na Profecia Bíblica* detalha um incrível entendimento bíblico e histórico de que as modernas nações anglófonas são herdeiras das promessas de bênçãos materiais feitas a Abraão e seus descendentes. O que exatamente essa história tem a ver com o evangelho de Jesus Cristo e o Reino de Deus? Muito mais do que você imagina!

por **Darris McNeely**

Por que milhões de pessoas em todo o mundo assistiram ao funeral da rainha Elizabeth II, uma mulher nonagenária que reinou por setenta anos? Por que neste mundo moderno as pessoas são fascinadas por alguém que usa a coroa da Inglaterra? Os reis e rainhas não estão obsoletos e fora de moda em nosso moderno mundo tecnológico?

Haveria algo mais do que mera celebridade e glamour nessa antiga instituição conhecida como monarquia britânica?

A monarquia britânica está entre as mais antigas do mundo. Ela remonta aos primeiros reis ingleses e normandos, bem como os governantes da Escócia. Ela é uma monarquia constitucional, o que significa que o soberano não detém o poder absoluto. Contudo, a monarquia britânica tem uma história e mística que a torna única entre todas as monarquias atuais.

O foco, o fascínio e o impacto emocional da morte da rainha apontam para algo além desta época. Quando entendemos toda a história, conseguimos ver na família real algo muito mais do que apenas riqueza, fama, regalias e celebridade. Então, podemos concluir que há uma conexão com Deus, com a história bíblica, com o importante entendimento sobre o mundo atual e com as profecias sobre o futuro.

Desde o reinado de Davi

Em uma coluna escrita poucos dias após a morte da rainha Elizabeth II, a jornalista britânica Melanie Phillips refletiu sobre o papel crucial da monarquia britânica para a coesão do Reino Unido. Enquanto a multidão saía às ruas, mostrando sua devoção à falecida monarca, ela escreveu:

“A devoção...tem um significado religioso. Na Inglaterra, que atualmente é bastante secular e irreligiosa, há um forte elemento do sagrado nessa relação entre o povo e a Coroa. O monarca britânico é consagrado como um rei superior...O juramento que ele faz não é para o povo, mas para Deus. É por isso que seu dever de servir ao povo é indelével. E é por isso que o monarca é uma força aglutinadora que une o povo em uma nação coesa. A família real ajuda a transformar o país em uma espécie de família nacional” (“The Momentous Task for King Charles III” [O Dever Histórico do Rei Charles III, em tradução livre], 16 de setembro de 2022).

Logo, essa jornalista faz uma notável conexão com um ensinamento bíblico: “Ademais, poucos entendem que a

monarquia britânica remonta à antiga Israel. Por isso, o monarca é ungido; por isso é que o hino Zadoque, o Sacerdote, composto por George Frideric Handel, que usa textos do primeiro Livro de Reis, é cantado [nas coroações]...Alguns monarcas britânicos do passado alegavam que sua ascendência remontava ao rei Davi” (grifo nosso —a transcrição do artigo completo de Melanie Phillips se encontra na página 24).

Precisamos considerar seriamente o que diz essa escritora britânica. Ela está conectando eventos atuais—a morte da rainha Elizabeth e a coroação do rei Charles—com elementos da longa história da monarquia britânica e, finalmente, com a Bíblia e a história de Israel e seu líder mais famoso, o rei Davi.

Essa conexão é essencial para nosso entendimento não apenas dessa transição de liderança no Reino Unido e em outras nações da Comunidade Britânica. Ela é a base de uma perspectiva bíblica sobre o mundo, a qual chamamos de *cosmovisão bíblica*. Usando a Bíblia como nosso guia, podemos entender o mundo de hoje e o que está por vir para as nações, especialmente as nações anglófonas, tais como, Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Austrália e Nova Zelândia.

O impacto mundial da vida e morte da rainha Elizabeth, e a seguinte coroação de um novo monarca, é um testemunho vivo da verdade de que as promessas e as alianças de Deus com os patriarcas bíblicos são relevantes no mundo de hoje. Essas promessas continuam moldando os eventos mundiais e terão um impacto ainda maior no futuro.

O fato de que as nações de língua inglesa terem sido responsáveis pela maior parte da riqueza mundial e que ainda impactam significativamente o mundo moderno não é uma mera coincidência histórica. Tudo isso está ligado ao propósito que Deus está cumprindo na História. Em última análise, esse entendimento faz parte do evangelho, ou boas novas, acerca do reino que Jesus Cristo trará à Terra—o Reino de Deus.

Promessas acerca de Jesus

No Evangelho de Lucas, vemos o anjo anunciando a Maria que ela daria à luz um filho. Ele seria chamado Jesus e seria o Filho de Deus. E também que estava destinado a herdar o famoso trono de Davi, o maior rei de Israel.

Esse anúncio faz parte do evangelho, ou boas novas, do Reino de



Deus e de seu Rei Jesus Cristo, além de apontar o caminho para entrar nesse reino. Isso encapsula tudo o que Israel esperava. Essa era a resposta às mensagens dos antigos profetas. E, quando totalmente compreendido, isso aponta para a futura intervenção nos assuntos deste mundo na segunda vinda de Cristo. Observe o que ele diz:

“E, no sexto mês, foi o anjo Gabriel enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão cujo nome era José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria. Disse-lhe, então, o anjo...E eis que em teu ventre conceberás, e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus. Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; e o Senhor Deus *Lhe dará o trono de Davi, Seu pai, e reinará eternamente na casa de Jacó, e o Seu Reino não terá fim*” (Lucas 1:26-33, grifo nosso).

Utilizando a Bíblia como guia, podemos entender o mundo de hoje e o futuro das nações.

Nesse anúncio, temos o cerne da mensagem do evangelho. O Messias, nascido de uma virgem, seria “o Filho do Altíssimo” e, cumprindo muitas profecias, receberia autoridade para sempre em Seu Reino. Este é o evangelho, as boas novas de Jesus Cristo como Rei dos reis.

O trono de Davi

E o Messias, Jesus Cristo de Nazaré, é exatamente isso—o Rei de Israel predito, que reinará sobre todas as nações. E como parte da garantia dessas profecias, Deus disse que o trono de Davi duraria por todas as gerações, ou seja, nunca desapareceria. Ele continuaria reinando sobre os povos israelitas. E esse é um testemunho do que ainda está por vir.

O Reino de Deus é um reino literal que Cristo estabelecerá sobre todas as nações quando retornar. O anúncio do anjo Gabriel a Maria também era uma profecia. Precisamos entender que o trono desse reino, que será governado por Jesus Cristo, será uma continuação do trono do rei Davi, que governou a nação de Israel, conforme descrito na Bíblia.

E o que era esse trono de Davi? Após Saul, Davi foi o segundo rei humano a governar Israel. O que as pessoas frequentemente esquecem é que Deus foi o primeiro e legítimo “Rei” das tribos de Israel. Os israelitas queriam um rei como as outras nações e foram até o profeta Samuel exigir isso.

“Porém essa palavra pareceu mal aos olhos de Samuel, quando disseram: Dá-nos um rei, para que nos julgue. E Samuel orou ao SENHOR. E disse o SENHOR a Samuel: Ouve a voz do povo em tudo quanto te disser, pois não te tem rejeitado a ti; antes, a Mim me tem rejeitado, para Eu não reinar sobre ele. Conforme todas as obras que fez desde o dia em que o tirei do Egito até ao dia de hoje, pois a Mim me deixou, e a outros deuses serviu, assim também te fez a ti” (1 Samuel 8:6-8; comparar 1 Samuel 12:12).

Deus reinou sobre Israel desde o tempo em que os libertou da escravidão egípcia. Embora Deus tenha dado a eles um rei humano, como pediram, o trono ainda era dEle—embora em parte delegado a um governante humano temporário.

A princípio, Deus escolheu Saul, mas depois, devido a sua

desobediência, o rejeitou e escolheu Davi. Davi era um homem segundo o coração de Deus, por isso Ele lhe prometeu uma dinastia duradoura. Observe o que Deus disse: “Também o SENHOR te faz saber [a Davi] que o SENHOR te fará casa [dinastia governante]... farei levantar depois de ti a tua semente, que procederá de ti, e estabelecerei o seu reino. Este edificará uma casa ao Meu nome, e confirmarei o trono do seu reino para sempre...Porém a tua casa e o teu reino serão firmados para sempre diante de ti; teu trono será firme para sempre” (2 Samuel 7:11-16).

Em outra referência, essa aliança com a casa de Davi é chamada de “aliança de sal” (2 Crônicas 13:5, ACF)—sendo o “sal” um símbolo de conservação. Essa promessa é repetida em Salmos 89:3-4, 25-27 e novamente em Jeremias 33:17-26.

Alguns dirão que Jesus já cumpriu tudo isso. Mas isso não é verdade! Em Sua primeira vinda, Jesus não assumiu o trono, mas se comparou a um nobre que “partiu para uma terra remota, a fim de tomar para si um reino e voltar depois” (Lucas 19:12).

Os judeus e até os discípulos de Jesus pensavam que o reino seria restaurado na época deles. Contudo, isso não ocorreria naquele época, *mas num tempo futuro*. Cristo se assentará no trono de Seu pai [ou ancestral] Davi em circunstâncias completamente diferentes quando voltar. Esse será Seu trono legítimo, reservado conforme uma promessa divina. Ele foi o membro da família de Deus que guiou os israelitas através do mar; Cristo era a Rocha espiritual que os acompanhava e sobre a qual a nação foi estabelecida (1 Coríntios 10:4).

Um testemunho vivo

Então, o que aconteceu com a dinastia davídica? Vimos que a aliança era perpétua. Essa história é contada por meio das profecias entregues a Jeremias e a Ezequiel. Elas fazem parte de uma trilha conexa de eventos bíblicos, profecias e promessas que têm fortes vínculos com a perene fidelidade de Deus a Abraão, seus descendentes e a todas as nações e povos da Terra. Quando analisadas de uma perspectiva bíblica, elas revelam informações sobre o evangelho de Deus, que mostra o cumprimento do propósito divino através de Cristo. O Deus que está convergindo todas as coisas a Cristo tem guiado a História por meio de voltas e reviravoltas para manter intactos os principais componentes de Suas promessas e objetivos.

Com base nessas passagens bíblicas, podemos concluir que, em algum lugar, alguém—que remonta à linhagem do rei Davi—estará apto ou qualificado para assentar-se no trono davídico, através das gerações, até que Cristo volte para reivindicá-lo para Si mesmo. Evidentemente, o Evangelho de Lucas afirma que Cristo é o último postulante: “Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; e o Senhor Deus *Lhe dará o trono de Davi, Seu pai*” (Lucas 1:32).

Contudo, as profecias não poderiam ser cumpridas se Cristo fosse o único postulante. (Para saber mais sobre isso, leia “A Identidade Bíblica da Família Real Britânica”, começando na página 4). O trono de Davi precisa existir atualmente em algum lugar. Cristo vai retornar e Seus pés estarão no Monte das Oliveiras e Ele reinará de Jerusalém no trono de Seu pai Davi. Deus se comprometeu em fazer com que todas essas promessas se cumpram.

O fato de alguns monarcas britânicos, inclusive a rainha Vitória (que reinou por mais de sessenta e três anos, de 1837 a 1901), acreditarem que a monarquia britânica descende do rei Davi é

uma história instigante. Embora isso seja negado, essas genealogias existem, e muitos membros da família real ou pessoas ligadas a ela acreditaram nisso. E isso não é uma lenda ou ideias fantasiosas e distorcidas das Escrituras. Tudo isso faz parte de uma estrutura que conecta a Bíblia com a História Contemporânea. E quando entendemos isso, alcançamos uma dimensão de conhecimento que explica o mundo moderno.

Intrínseco ao evangelho de Deus está Sua promessa de trazer a salvação espiritual para todos os povos e nações por meio de Seu Filho, Jesus Cristo de Nazaré. Todas as promessas de Deus concernentes a Seus servos, os profetas, e Seu Filho são firmes e fiéis. Deus as têm cumprido em seus mínimos detalhes, mesmo que nossos registros históricos não consigam captar cada evento de forma precisa e criteriosa. Devemos acreditar piamente nas promessas de Deus a Davi, pois elas são verdadeiras e imutáveis.

Por que isso importa? Observe que quando Jesus estava prestes a ascender ao céu, Seus discípulos fizeram uma pergunta importante a Ele: “Senhor, restaurarás Tu neste tempo o reino a Israel?” (Atos 1:6). Então, a mensagem fundamental que eles entenderam durante o tempo que estiveram com Cristo é que Ele iria restaurar e exaltar o reino e o trono de Israel. E Jesus não negou que esse era o principal foco, mas disse-lhes que não era para eles saberem a hora em que isso iria acontecer e que deveriam continuar sendo testemunhas dEle (versículos 7-8).

Em algum momento, Cristo retornará à Terra e se assentará no trono de Davi. Esse trono ainda existe. E no trono da Inglaterra temos um testemunho vivo do propósito de Deus no mundo de hoje. Cristo está no céu à direita do Pai esperando o momento de retornar e estabelecer um reino de justiça—um reino que não será transferido a nenhum outro povo. Um reino diferente de qualquer reino da atualidade. E isso nos faz confiar na fidelidade de Deus para cumprir todas as Suas promessas a todos os povos.

E quanto a Israel?

A perene fidelidade de Deus a Abraão alcançará sua plenitude quando Jesus Cristo se assentar nesse trono de Davi no reino vindouro. Então, Israel será restaurado como um povo que Cristo usará para ensinar o caminho da salvação às nações.

Essa verdade fundamental explica por que uma parcela desproporcional da riqueza mundial se encontra hoje nas principais nações anglófonas. Deus disse a Abraão que seus descendentes seriam uma multidão de nações—uma promessa transmitida a Jacó como uma nação e um grupo de nações (Gênesis 35:11). E Jacó transferiu a seu filho José essas promessas, dizendo que no fim dos tempos os descendentes de Jacó seriam um “ramo frutífero” (Gênesis 49:22).

O fato de Deus ter feito isso, mantendo Sua palavra, é um sinal—uma garantia—de que Ele fará o mesmo para todos os povos e nações. Quando o véu do engano for removido das nações, elas aprenderão o caminho de Deus:

“E acontecerá, nos últimos dias, que se firmará o monte da Casa do SENHOR no cume dos montes e se exalçará por cima dos outeiros; e concorrerão a ele todas as nações. E virão muitos povos e dirão: Vinde, subamos ao monte do SENHOR, à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine o que concerne aos Seus caminhos, e andemos nas Suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém, a palavra do SENHOR” (Isaías 2:2-3).

O evangelho da salvação será ensinado de Jerusalém. Haverá um

tempo de restauração das bênçãos de Israel. E a grande pergunta que o apóstolo Paulo fez sobre seu povo será respondida.

Paulo sabia que as dez tribos que formavam o reino nortenho de Israel haviam sido levadas cativas séculos antes e agora estavam espalhadas entre as nações, assim como muitos das duas tribos que formavam o reino sulista de Judá. Por isso é que o apóstolo Tiago dirigiu sua epístola “às doze tribos que andam dispersas” (Tiago 1:1).

Paulo, um ex-fariseu, levou o evangelho aos judeus, mas, geralmente, eles rejeitavam a mensagem. Em um lamento registrado em sua carta aos romanos, Paulo desejou ser amaldiçoado se isso permitisse que seus companheiros israelitas fossem salvos (Romanos 9:3).

Ele escreveu: “Irmãos, o bom desejo do meu coração e a oração a Deus por Israel é para sua salvação. Porque lhes dou testemunho de que têm zelo de Deus, mas não com entendimento. Porquanto, não conhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus” (Romanos 10:1-3). A salvação não chegou a Israel em sua totalidade, mas chegará no período do reinado de Cristo na Terra.

Cristo retornará à Terra e se assentará no trono de Seu pai (ou ancestral) Davi. Esse trono ainda existe e está na Inglaterra.

Deus restaurará Israel à posição que Ele sempre almejou que tivesse—uma nação que deve ser uma luz para o mundo: “Vedes aqui vos tenho ensinado estatutos e juízos, como me mandou o SENHOR Meu Deus; para que assim façais no meio da terra a qual ideis a herdar. Guardai-os pois, e cumpri-os, porque isso será a vossa sabedoria e o vosso entendimento perante os olhos dos povos, que ouvirão todos estes estatutos, e dirão: Este grande povo é nação sábia e entendida” (Deuteronômio 4:5-6, ACF).

Assim, no mundo de amanhã, Deus usará Israel para ensinar todas as nações da Terra!

Veja como Paulo relata isso: “Acaso o povo de Deus tropeçou e caiu sem possibilidade de se levantar? Claro que não! Foram desobedientes e, por isso, Deus tornou a salvação acessível aos gentios, para que seu próprio povo sentisse ciúme. Se os gentios foram enriquecidos porque os israelitas fracassaram ao rejeitar a salvação que Deus lhes oferece, imaginem como será maior a bênção para o mundo quando Israel for plenamente restaurado!”

“Dirijo-me especialmente a vocês, gentios. E, uma vez que fui designado apóstolo aos gentios, enfatizo isso porque desejo que, de algum modo, o povo de Israel sinta ciúme e assim eu possa levar alguns deles [na Igreja] à salvação. Pois, se a rejeição deles possibilitou que o resto do mundo se reconciliasse com Deus, a aceitação será ainda mais maravilhosa. Será vida para os que estavam mortos!” (Romanos 11:11-15, Nova Versão Transformadora).

Paulo entendeu que seu povo Israel havia rejeitado a Deus por um tempo e por um propósito. Durante esse tempo, Jesus Cristo veio e morreu, sendo rejeitado por Seu próprio povo para que a porta da salvação fosse aberta aos gentios para que estes pudessem ser “enriquecidos”. Assim como a obra de salvação espiritual não foi concluída com Israel nem com todas as nações do mundo.



Quando ocorrer a “aceitação” de Israel no tempo da restauração, então as nações do mundo conhecerão completamente o evangelho de Deus e começará um tempo de salvação para todo o mundo.

Paulo sabia que Deus não havia rejeitado Israel. Ele sabia que sua esperança de vida eterna seria cumprida (Atos 26:6-7). Deus restaurará o reino a Israel quando Jesus de Nazaré se assentar no trono que Ele deu a Davi. Enfim a justiça será ensinada a partir daquele trono pelo próprio Rei da Justiça. Deus realmente tem assuntos pendentes com Seu povo Israel.

Hoje em dia, Deus não nos deixou sem um testemunho de Sua fidelidade e intenção de cumprir Seu grande propósito de salvação de todos os povos. Uma monarquia moderna assentada em um trono lendário, cujas raízes remontam à antiga Israel e ao rei Davi, serve de testemunho dessa providência divina.

E nenhuma zombaria, negação ou rejeição dos fatos podem mudar essa verdade. A Palavra de Deus é verdadeira. Alguns apontam para as fraquezas e falhas da monarquia britânica, tanto no presente quanto no passado. Sem dúvida, os membros da família

real são humanos e falhos. Contudo, assim também era o rei Davi e muitos de seus descendentes que reinaram na antiga Judá. Alguns deles eram muito perversos. Apesar disso, Deus preservou a monarquia davídica, cumprindo fielmente Seu propósito em cada detalhe. As Escrituras nos mostram isso. E temos um testemunho!

Como disse Melanie Phillips em seu artigo, citado anteriormente: “*Alguns monarcas britânicos do passado alegaram que sua linhagem remonta ao rei Davi*”.

Há uma razão para eles terem alegado isso. E há mais entendimento e verdade bíblica nisso do que muitos imaginam! **BN**



SAIBA MAIS

Há muito mais sobre essa história notável do que podemos cobrir neste espaço tão curto. Para ter um panorama geral desse assunto, peça ou baixe nosso guia de estudo bíblico gratuito *Os Estados Unidos e a Inglaterra na Profecia Bíblica*.

www.revistaboanova.org

Como Jacó tornou-se herdeiro de Abraão

Deus escolheu Jacó, o segundo dos gêmeos nascidos de Isaque, para receber a herança da primogenitura que normalmente é reservada ao primogênito.

Aeste Ihe outorgou o direito de se tornar patriarca da família após a morte de Isaque (Gênesis 25:29-34). A bênção da primogenitura fez de Jacó o herdeiro direto de Abraão e o destinatário dos compromissos divinos assumidos com a Abraão e sua posteridade.

Na época que Jacó recebeu a bênção, ele ainda não havia se comprometido a viver pela fé em Deus. Embora Deus o tivesse designado como herdeiro das bênçãos de Abraão, pouco antes de seu nascimento (versículo 23), Jacó e sua mãe estavam ambos fracos na fé e recorreram às falcatruas para obter a bênção de Isaque (Gênesis 27). Isto fez com que seu irmão passasse a odiá-lo. Esaú ficou possesso de raiva e procurou matá-lo (versículo 41). A mãe ouviu falar sobre planos de Esaú, então pediu a Isaque para enviar Jacó para ficar com parentes distantes, assim ele estaria seguro (versículos 42-46).

Então Isaque e Rebeca enviaram a Jacó de volta à família de Rebeca no norte da Mesopotâmia. Aparentemente, a única razão mencionada para enviá-lo a casa de sua família era que queriam que Jacó encontrasse uma esposa entre os parentes de sua mãe. Isso era verdade, mas Rebeca também estava tentando impedir que Esaú matasse a Jacó.

No entanto, antes de enviar Jacó para longe, Isaque chamou seu filho ambiciosíssimo e astuto e abençoou-o novamente. Isaque aparentemente perdoou o mau comporta-

mento de seu filho enganador e, desta vez, voluntariamente repetiu sua bênção original. Por esta altura Isaque provavelmente tinha lembrado e reconhecido que Deus havia escolhido Jacó como herdeiro, antes mesmo de seu nascimento.

Então Isaque repetiu alguns pontos da aliança da promessa que Deus havia feito a ele e a Abraão (Gênesis 28:1-5). Ao fazer isso abertamente Isaque anunciou a toda família que Jacó era realmente o herdeiro da responsabilidade primordial da eterna relação da família com Deus (Gênesis 17:19).

Deus estava se certificando de que ninguém se esquecesse de Suas promessas a Abraão. Elas foram passadas formalmente de uma geração a outra.

Isaque passou as promessas da aliança para Jacó: "Que o Deus todo-poderoso o abençoe, faça-o prolífero e multiplique os seus descendentes, para que você se torne uma comunidade de povos. Que ele dê a você e a seus descendentes a bênção de Abraão, para que você tome posse da terra na qual vive como estrangeiro, a terra dada por Deus a Abraão" (Gênesis 28:3-4, NVI).

Então, Jacó fugiu de casa às pressas, possuindo tanto a promessa da primogenitura como uma bênção especial. Mas sua vida de repente virou de cabeça para baixo. O que significa tudo isso? Será que seu avô e Deus Pai realmente o apoiariam também?

Jacó deve ter pensado nas histórias que ouvira enquanto crescia sobre os encontros de sua família com esse impressionante Ser divino. Será que o mesmo grande Deus

honoraria o que ele tinha conseguido através do engano, mesmo tendo Ihe prometido antes de seu nascimento?

Foi neste momento de sua vida que Deus pessoalmente fez uma revelação a Jacó. "Chegando [Jacó] a determinado lugar, parou para pernoitar, porque o sol já se havia posto. Tomando uma das pedras dali, usou-a como travesseiro e deitou-se. E teve um sonho no qual viu uma escada apoiada na terra; o seu topo alcançava os céus, e os anjos de Deus subiam e desciam por ela.

"Ao lado dele estava o Senhor, que Ihe disse: Eu sou o Senhor, o Deus de seu pai Abraão e o Deus de Isaque. Darei a você e a seus descendentes a terra na qual você está deitado. Seus descendentes serão como o pó da terra, e se espalharão para o Oeste e para o Leste, para o Norte e para o Sul. Todos os povos da terra serão abençoados por meio de você e da sua descendência. Estou com você e cuidarei de você, aonde quer que vá; e eu o trarei de volta a esta terra. Não o deixarei enquanto não fizer o que Ihe prometi.

"Quando Jacó acordou do sono, disse: 'Sem dúvida o Senhor está neste lugar, mas eu não sabia!. Teve medo e disse: 'Temível é este lugar! Não é outro, senão a casa de Deus; esta é a porta dos céus'. Na manhã seguinte, Jacó pegou a pedra que tinha usado como travesseiro, colocou-a em pé como coluna e derramou óleo sobre o seu topo. E deu o nome de Betel àquele lugar..." (Gênesis 28:11-19, NVI). Jacó agora sabia com certeza que ele era o herdeiro, confirmado oficialmente, das promessas feitas a Abraão.

A História dos Símbolos da Cerimônia de Coroação da Monarquia Britânica

Implícita na ostentação da coroação dos monarcas da Inglaterra está uma história notável — uma história que conecta a coroa e o trono britânicos aos reis e patriarcas da Bíblia.

por Peter Eddington

Quando a rainha Elizabeth II foi coroada chefe da igreja e do Estado em 1953, símbolos muito significativos, que têm implicações bíblicas e espirituais, foram usados nessa cerimônia. Insígnias de realeza e autoridade contribuíram para o poder e a dignidade desse trono ancestral. Em essência, aquele evento foi um *ato religioso*.

Quando o rei Charles III, o novo chefe da Comunidade Britânica, for coroado em maio de 2023, setenta anos depois de sua mãe, provavelmente os mesmos símbolos serão apresentados para seu tempo de dedicação solene como soberano do Reino Unido e de outros reinos da Comunidade Britânica, como Austrália, Canadá e Nova Zelândia.

Essa coroação acontecerá em uma igreja destinada ao culto de adoração a Deus. O aspecto espiritual dessa cerimônia será indubitavelmente o mais importante, pois é muito difícil não se impressionar com a semelhança entre a coroação dos governantes da Inglaterra e a dos reis da dinastia e linhagem de Davi, antigo rei de Israel—chamada na Bíblia de “casa de Davi”.

Vamos examinar alguns dos símbolos que foram usados na coroação da rainha Elizabeth II que, provavelmente, também farão parte da cerimônia de coroação do rei Charles III.

A Bíblia Sagrada

A Bíblia Sagrada será retirada do altar da igreja e apresentada ao rei Charles. Se a cerimônia seguir a de Elizabeth II, o Arcebispo de Canterbury, clérigo sênior da Igreja da Inglaterra, proferirá estas palavras: “Nosso gracioso rei, para manter Vossa Majestade sempre atento à lei e ao Evangelho de Deus como regra de toda a vida e de governo dos príncipes cristãos, apresentamos-lhe este livro, a coisa mais valiosa que este mundo pode oferecer”.

Isso lembra muito o mandamento que Deus entregou aos reis no livro de Deuteronômio. Nele, um rei recém-escolhido era instruído a ler as palavras de Deus todos os dias de sua vida para que aprendesse a temer o Senhor seu Deus, cumprindo, vivendo e governando por meio de todas as palavras da lei e dos decretos divinos (Deuteronômio 17:18-19).

A unção

Sem dúvida, o que se segue será o aspecto mais importante da



coroação do rei Charles. Ele será ungido com óleo, especialmente preparado para a ocasião, nas palmas das mãos, no peito e no alto da cabeça. Logo, serão proferidas algumas palavras que remontam à unção do próprio rei Salomão. A seguir o que foi dito na cerimônia de unção de Elizabeth II:

*“Seja tuas mãos unguidas com óleo sagrado.
Seja teu peito unguido com óleo sagrado.”*



Seja tua cabeça unvida com óleo sagrado, como foram unvidos reis, sacerdotes e profetas:

E como Salomão foi unvido rei por Zadoque, o sacerdote, e Natã, o profeta, assim sejas unvida, abençoada e consagrada Rainha sobre os povos, a quem o Senhor teu Deus te deu para guiar e governar, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém”.

Essas palavras enfatizam que a coroação da rainha ou do rei não é uma celebração *cívica*, mas uma cerimônia *religiosa* para designar alguém para um *ofício sagrado*—um cargo designado por Deus. O povo britânico enxerga o rei como “o unvido do Senhor”, o representante do povo do Rei dos reis.

A prece de conclusão da unção do rei Ethelred II, coroado em 978 d.C., ilustra muito bem as raízes bíblicas dos anglo-saxões, ancestrais do moderno povo britânico. Uma parte dela afirma:

“Que o Todo-Poderoso te abençoe com as bênçãos celestiais... e que as bênçãos dos antigos patriarcas, Abraão, Isaque e Jacó, sejam derramadas sobre ti!”.

Em todo o conteúdo dessa prece ao rei Ethelred, as referências a passagens do Antigo Testamento são muito relevantes—pois, o rei Charles será unvido assim como também foram os reis da antiga casa de Davi.

As esporas e a espada

Após a unção do rei, vem a entrega das insígnias—as esporas e a espada. Essas insígnias do cargo, apresentadas após o rei ser unvido, sinalizam que agora ele é um *soberano consagrado*—um governante separado para o serviço divino.

O toque das esporas, um emblema da cavalaria, e o cingir da espada, são ambos apresentados no altar da igreja—significando a intenção do rei, sob a autoridade de Deus, de governar com justiça, equidade e misericórdia. Em Zacarias 7:9-10, as Escrituras nos lembram dessa responsabilidade fundamental.

O manto real e o orbe

Então, o manto real de tecido e ouro é posto no rei pelo Decano de Westminster e fechado pelo Lord Great Chamberlain. Se a história se repetir, o arcebispo dirá: “Receba este manto imperial, e o Senhor teu Deus te dote de conhecimento e sabedoria, de majestade e de poder do alto: o Senhor te vista com o manto da justiça e com as vestes de salvação. Amém”.

O orbe, um globo de ouro com uma cruz no topo simbolizando a soberania de Cristo sobre o mundo, então é trazido do altar pelo decano e entregue nas mãos do rei pelo arcebispo, que exorta: “Receba este orbe sob a cruz, e lembre-se de que o mundo inteiro está sujeito ao poder e império de Cristo, nosso Redentor”.

O anel e os cetros

O anel, que é colocado no dedo anelar da mão direita do monarca, costuma ser chamado de “a aliança de casamento com a Inglaterra”. Simbolicamente, o rei é casado com a nação. Ademais, o anel é um símbolo de poder e honra.

Depois da colocação do anel, o arcebispo põe nas mãos do rei dois cetros ou bastões reais, um com uma cruz e outro com uma pomba. O primeiro representa o poder real e a justiça através de Cristo, enquanto o segundo retrata a equidade e a misericórdia por meio do Espírito Santo.

Encontramos na Bíblia imagens semelhantes com alusões ao



A Coroa de Santo Eduardo—*a coroa da Inglaterra—provavelmente será usada na coroação real do rei Charles III.*

centro como representante da autoridade real e símbolo de uma administração justa: “Mas, do Filho, diz: Ó Deus, o Teu trono subsiste pelos séculos dos séculos, cetro de equidade é o cetro do Teu reino” (Hebreus 1:8).

A coroa

Na conclusão e clímax dessa cerimônia de coroação, após ser investido com as insígnias e símbolos da realeza, o rei receberá sua coroa.

A Coroa de Santo Eduardo—*a coroa da Inglaterra—provavelmente será usada nessa coroação real. A borda da coroa é cravejada com doze grandes pedras preciosas de cores sortidas, cada uma rodeada de diamantes.*

Também é interessante e relevante o fato de que o sumo sacerdote da antiga Israel usava um peitoral cravejado de doze pedras preciosas para representar a unidade das doze tribos. E no livro de Apocalipse lemos que a Nova Jerusalém tem doze fundamentos de pedras preciosas, mostrando unidade e força duradouras.

E se a cerimônia seguir a de Elizabeth II, o arcebispo colocará a coroa no altar e fará a seguinte prece:

“Ó Deus, coroa dos fiéis: Abençoa esta coroa, e assim santificai vosso servo Charles, sobre cuja cabeça hoje a colocais como sinal de majestade real, para que seja preenchida por vossa abundante graça com todas as virtudes principescas: por meio do Rei Eterno Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém”.

Em seguida, o arcebispo sairá do altar e colocará reverentemente a coroa na cabeça do rei—enquanto ele ainda está sentado



A cadeira da coroação na qual o rei se sentará data da época do rei Eduardo I, que reinou de 1239 a 1307.

na cadeira do rei Eduardo. Nesse momento, o povo entoava repetidamente: “*Deus salve o rei!*”.

E assim, somos novamente lembrados do profundo significado bíblico e espiritual dessa cerimônia de coroação, que é propositalmente semelhante à exultação e coroação do rei Salomão.

A Cadeira da Coroação e a “Pedra do Destino”

A cadeira da coroação na qual o rei se sentará data da época do rei Eduardo I (que reinou de 1239 a 1307). O rei Eduardo ordenou que essa cadeira fosse criada especialmente para colocar sob o assento uma relíquia singular trazida da Escócia para a Inglaterra—a Pedra do Destino, ou Pedra de Scone, sobre a qual os reis escoceses eram coroados. A pedra foi devolvida à Escócia em 1996, mas está sendo trazida temporariamente de volta à Londres para essa coroação. Esse é o mais antigo objeto ainda usado hoje numa cerimônia de coroação.

A Pedra do Destino é um bloco oblongo de arenito de 136 quilos e medindo 26 centímetros de comprimento por 16 de largura e 11 de altura. Uma pedra semelhante foi encontrada perto de Betel, na atual Israel. A tradição afirma que essa é a mesma pedra que o neto de Abraão, Jacó, usou como travesseiro na noite em que teve seu famoso sonho com anjos subindo e descendo uma escada que chegava até o céu. Jacó abençoou e ungiu essa pedra com óleo e, mais tarde, pode tê-la levado consigo como um bem particular (Gênesis 28:11-18).

Muitos monarcas britânicos foram coroados sobre a Pedra do Destino. E isso remonta ao uso de um pilar de pedra nas

cerimônias de coroação dos reis da linhagem de Davi na antiga Judá—como vemos mencionado acerca dos reis Joás e Josias (2 Crônicas 23:13; 2 Reis 11:12- 14; 23:3). Possivelmente, essa era a mesma pedra ungiada por Jacó.

A entronização

Assim, o rei Charles será entronizado pelo arcebispo e outros bispos e nobres. Então, como antes e para concluir a cerimônia, todos os oficiais e nobres reunidos ali dirão:

“*E o Senhor Deus Todo-Poderoso, de quem somos ministros e despenseiros de Seus mistérios, estabeleça teu trono em justiça para que permaneça firme para todo o sempre...*”.

O antigo rito da cerimônia de coroação, até 1937, acrescentava estas palavras: “*como o sol diante dEle e como testemunha fiel no céu. Amém*”.

Essa frase final do discurso de entronização está nas Escrituras em referência ao trono de Davi, o trono do Senhor sobre Israel: “*Uma vez jurei por Minha santidade (não mentirei a Davi). A sua descendência durará para sempre, e o seu trono será como o sol perante Mim; será estabelecido para sempre como a lua; e a testemunha no céu é fiel*” (Salmos 89:35-37, grifo nosso).

(Não deixe de ler “A Identidade Bíblica da Família Real Britânica”, começando na página 4).

“Deus salve o rei!”

Quando a cerimônia de coroação terminar, todo o povo entoará: “*Deus salve o rei Charles. Viva o rei Charles. Que o rei viva para sempre!*”.

Isso nos lembra do apoio, submissão e lealdade da antiga Israel ao rei Salomão: “*Assim, Salomão se assentou no trono do SENHOR, rei, em lugar de Davi, seu pai, e prosperou; e todo o Israel lhe deu ouvidos. E todos os príncipes, e os grandes, e até todos os filhos do rei Davi se submeteram ao rei Salomão*” (1 Crônicas 29:23-24).

E não apenas a coroação, mas também o povo da Comunidade Britânica e sua nação-irmã de língua inglesa, os Estados Unidos, estão conectados à Bíblia. Tudo faz parte de uma história surpreendente que remonta a milhares de anos.

Há uma razão pela qual as leis das nações do Império Britânico e dos Estados Unidos são baseadas na Bíblia. Há uma razão pela qual suas famílias lutaram pela justiça que somente Jesus Cristo pode trazer. A história das nações do Império Britânico e dos Estados Unidos dá testemunho do poder de Deus, e até quando seu povo ora pela vinda de Seu Reino. O próprio trono de Davi está implícito no trono real da Grã-Bretanha—que, conforme predito em Isaías 9:7, Jesus Cristo reivindicará quando retornar! **BN**

SAIBA MAIS



Como uma pequena nação insular e um grupo de habitantes de suas colônias reunido na costa de um continente distante se transformaram no império e na nação mais poderosos da história mundial? Essa história impressionante foi predita na Bíblia e se encontra detalhada em nosso guia de estudo bíblico gratuito *Os Estados Unidos e a Inglaterra na Profecia Bíblica*. Peça ou baixe seu exemplar gratuito hoje mesmo!

www.revistaboanova.org



A Importante Tarefa do Rei Charles III

Será que a grande importância da Inglaterra vai desvanecer após a morte da rainha?

por Melanie Phillips



Nota do editor: *Melanie Phillips é uma jornalista judia britânica, colunista, comentarista e autora de onze livros sobre importantes questões sociais e geopolíticas. Ela autorizou a republicação de seu artigo sobre o falecimento da rainha Elizabeth II, publicado em 16 de setembro de 2022, onde diz que “a monarquia britânica segue o modelo da antiga Israel”. Estamos reproduzindo seu artigo aqui para nossos leitores por suas notáveis percepções históricas e implicações atuais.*

Na semana passada, o cotidiano dos cidadãos britânicos foi todo alterado enquanto o país passava por uma catarse surpreendente.

Desde a morte da rainha, viu-se diariamente cenas emocionantes nas ruas, quando seu caixão passava diante do público, vindo do castelo de Balmoral, na Escócia, onde ela morreu, até Londres.

Em cada estágio de sua última jornada, multidões em silêncio se alinhavam no percurso do cortejo enquanto o carro fúnebre passava lentamente.

Durante o funeral, o caixão—envolto pelo Estandarte Real e ostentando a Coroa do Estado Imperial e uma simples coroa de flores brancas—ficou sobre um catafalco abaixo dos altos arcos normandos da abadia de Westminster enquanto as pessoas, caminhando em filas quilométricas nas ruas de Londres, passavam silenciosamente, algumas fazendo reverência e outras chorando.

O novo rei, Charles III, que tem visitado todas as nações que fazem parte do Reino Unido, comoveu muitas pessoas com seu visível sofrimento, suas expressões de amor por sua mãe e sua promessa de imitar seu exemplo de serviço altruísta.

Diante dessas cenas comoventes, a palavra que vem à mente é devoção: a devoção da falecida rainha ao povo e a devoção deles a ela.

Obviamente, essa devoção tem um significado religioso. Em uma Inglaterra secular e sem Deus, há um forte elemento do sagrado nessa relação entre o povo e a Coroa.

O monarca britânico é consagrado como um rei superior. E Charles será ungido assim na coroação. O juramento que o rei faz não é para o povo, mas para Deus.

Por isso seu dever de servir ao povo é imutável. E é por isso que o monarca é uma força aglutinadora que une o povo em uma nação coesa. A família real ajuda a transformar o país em uma espécie de família nacional.

Muitas vezes, cidadãos de países republicanos não conseguem ver nenhum benefício em uma monarquia constitucional. Ao consagrar a identidade da nação acima e além da política temporal, o monarca constitucional atua como um foco de unidade muitas vezes negado a países que, em vez disso, elegeram presidentes como chefes de estado.

Ademais, poucos entendem que a monarquia britânica remonta à antiga Israel. Por isso, o monarca é ungido; por isso é que o hino Zadoque, o Sacerdote, composto por George Frideric Handel, que usa textos do primeiro Livro de Reis, é entoado nas coroações britânicas desde o ano 973. Alguns monarcas britânicos do passado alegavam que sua ascendência remontava ao rei Davi.

É verdade que a antiga Israel era uma teocracia, que foi destruída por divisões internas. Contudo, essa nação definiu um conceito de governança que serviria de modelo tanto para a Inglaterra quanto para os Estados Unidos.

A genialidade da monarquia davídica concebeu uma nação governável, advinda de tribos díspares e potencialmente guerreiras.

Ainda mais revolucionário foi o conceito de governança limitada dos antigos israelitas. O rei deles não desfrutava de poder absoluto. Ele era moderado abaixo pela autoridade investida em sacerdotes, profetas e juizes, e acima pela crença de que o governante supremo, cujas leis até mesmo o rei tinha que seguir, era o próprio Todo-Poderoso.

Durante a guerra civil inglesa do século XVII, que levou ao sistema de governo parlamentar sob a Coroa, os pensadores políticos buscaram no judaísmo a resposta para as diversas questões sobre a relação entre as Escrituras, os soberanos e os súditos.

E sob o governo de Oliver Cromwell, alguns até defenderam transformar o parlamento em um *sinédrio* ou conselho supremo semelhante ao da alta corte bíblica da Judeia.

Assim como a monarquia constitucional britânica, geralmente, não é compreendida nos países republicanos, também não é a relação na Inglaterra entre a igreja e o Estado em que a Coroa desempenha um papel central.

A Inglaterra tem uma Igreja Anglicana estabelecida. Por ser benigna e tolerante, ela atua como um guarda-chuva protetor de outras religiões minoritárias, como o judaísmo. Isso evita uma disputa hegemônica entre as crenças, pois o judaísmo sairia perdedor.



Os princípios de dever para com os outros, a humildade e a gratidão pelas muitas dádivas do mundo originaram-se na Bíblia. E a rainha incorporou e defendeu esses valores.

O monarca britânico é o defensor da fé protestante. A rainha, que assumiu esse papel com muita seriedade, era uma cristã devota. Em 1994, quando era príncipe de Gales, Charles causou grande consternação quando disse que não queria ser “defensor de uma fé”, mas “defensor da fé”.

Há muito tempo ele tem sido atraído, particularmente, por elementos do islamismo, pois acredita que todas as fés estão ligadas por uma espiritualidade comum que promove a unidade do mundo natural.

Isso trouxe temores a muitos judeus britânicos (e outros) de que ele promoveria uma miscelânea multirreligiosa, minando assim a proteção aos judeus. Entretanto, ele explicou que queria apenas usar seu ponto de vista cristão para oferecer proteção a outras religiões.

E em seu primeiro discurso à nação, após a morte de sua mãe, ele prometeu defender a responsabilidade particular do soberano para com a Igreja Anglicana.

O rei demonstrou muita afeição e cordialidade aos judeus britânicos. No entanto, muitos judeus interpretaram o fracasso de sua mãe em visitar Israel como um sinal de antipatia da família real ao povo judeu.

Porém, isso foi um mal-entendido. A realeza não assume compromissos no exterior sem a anuência do Ministério das Relações Exteriores do Reino Unido. E a ambivalência do governo britânico sobre o lar nacional judaico remonta ao período do mandato nas décadas de 1930 e 1940, quando a Inglaterra traiu sua obrigação de estabelecer o povo judeu em toda a Palestina.

Não obstante, o príncipe William e depois o príncipe Charles, em seu cargo real naquela ocasião, fizeram visitas oficiais a Israel em 2018 e 2020, algo foi considerado uma mudança de atitude do governo. Isso se deveu a um número crescente de ministros pró-Israel nas administrações conservadoras de Theresa May e Boris Johnson, combinado com o avanço no relacionamento de Israel com os países do Golfo, com os quais o governo britânico

tem sido obsequioso há bastante tempo.

E é irônico que o atual Estado de Israel, herdeiro direto do antigo reino davídico, não tenha uma monarquia. Talvez essa seja uma das razões pelas quais suas divisões internas sejam tão ferinas—e potencialmente perigosíssimas para sua saúde a longo prazo.

Embora os Estados Unidos tenham surgido da rejeição da Coroa Britânica, a Bíblia hebraica é parte integrante das instituições e leis estadunidenses fundamentais. E no Sino da Liberdade está gravado uma inscrição de Levítico: “Proclamem a Liberdade em todas as partes da Terra e para todos os seus habitantes”. Os fundadores dos Estados Unidos fizeram repetidas referências a fontes bíblicas.

Poucos, entretanto, reconhecem a importância fundamental dos valores bíblicos—que estão sob constante ataque há décadas por ideologias seculares como o relativismo moral e cultural—na sustentação do Ocidente. Princípios como o dever para com o próximo, a humildade e a gratidão pelas muitas dádivas do mundo se originaram na Bíblia Hebraica.

A rainha incorporou e defendeu esses valores. Ao contrário de Charles, que como príncipe de Gales se posicionou sobre diversas questões, ninguém jamais soube o que sua mãe pensava. Evitando qualquer coisa que pudesse causar divisão, ela simplesmente personificou o altruísmo, o estoicismo e o serviço público. E como o próprio judaísmo, ela também irradiava esperança no futuro.

Por isso ela era tão amada. E é por isso que a Inglaterra tem sofrido tanto com a morte de uma mulher de 96 anos—porque, com a morte dela, as pessoas temem que também esteja deixando de existir uma Inglaterra que já representou os princípios e a sociedade que ela personificava.

Veremos se o rei Charles III, o mais recente monarca britânico da tradição davídica, também assumirá essa importante tarefa. **BN** (Artigo original disponível online em melaniephillips.substack.com/archive).

A Fé da Rainha Elizabeth II

Elizabeth II viveu sua vida a serviço de Deus e de seu país. E sua morte trouxe um momento solene de reflexão a respeito do sagrado. Ela foi a mais longeva monarca britânica. E que lições podemos aprender de sua fé?

por Darris McNeely

Durante onze dias em setembro de 2022, o mundo voltou sua atenção à Inglaterra para assistir ao esplendor do funeral da rainha Elizabeth II. Como só os britânicos podem fazer, o Estado fez uma impressionante exibição de majestade real, uma “pompa e circunstância” previamente preparada (planejada pela rainha muito antes de sua morte).

Multidões de pessoas assistiram o corpo sair do Castelo de Balmoral, na Escócia, onde ela morreu, para Londres, onde foi velada no Westminster Hall. Essa cerimônia pôs fim às questões sobre o valor da Coroa para a vida no reino. Ela era amada e respeitada, como demonstrado pelas milhares de pessoas que vieram retribuir um pouco do serviço que ela prestou em benefício delas.

Os dias que antecederam o funeral dela deram oportunidade de refletir sobre seu longo reinado. A rainha incorporou certos valores em sua vida—valores que deveríamos analisar à luz de muitas passagens bíblicas que dizem que nós, como cristãos, um dia nos assentaremos com Jesus Cristo em um trono para julgar as nações sob o governo dEle.

A Bíblia mostra claramente que os santos, os seguidores de Cristo desta era, reinarão com Ele na Terra. Essa é uma verdade fundamental das Escrituras pouco compreendida. Jesus disse aos Seus apóstolos: “E Eu vos destino o Reino, como Meu Pai Me destinou, para que comais e bebais à Minha mesa no Meu Reino e vos assenteis sobre tronos, julgando as doze tribos de Israel” (Lucas 22:29-30).

Uma promessa mais ampla a esse respeito é feita a todos os santos em Apocalipse 20:4-6: “E vi tronos; e assentaram-se sobre eles aqueles a quem foi dado o poder de julgar...e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos...Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição...serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele mil anos”. E muitas outras Escrituras confirmam essa verdade.

Observar a vida da rainha Elizabeth II nos proporciona um momento para pensar sobre os atributos ao nosso alcance nesta vida e os princípios práticos que nos preparam para a vida futura.

Primeiramente, vamos considerar que a rainha era a chefe suprema da Igreja Anglicana. Um de seus títulos era “Defensora da Fé”. Segundo todos os relatos, ela era uma pessoa de profunda fé.

Enquanto assistia ao funeral dela na Abadia de Westminster, fiquei impressionado com as Escrituras que ela escolheu para serem lidas. Até parecia que em sua morte ela testemunhou sobre Deus ao mundo. A ordem do culto começou com a leitura de duas passagens bíblicas, a primeira foi a de João 11:25-26: “Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em Mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive e crê em Mim nunca morrerá”.

A passagem seguinte, Jó 19:25-27, diz: “Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra”, essa citação também se concentra na ressurreição dos mortos.

A primeira-ministra Liz Truss leu as palavras de João 14:1-9, em que Jesus diz: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por Mim”.

Esse não foi um serviço ecumênico destinado a atrair os dignitários reunidos, que representam muitas crenças ou nenhuma crença. Essa foi uma apresentação das Escrituras, leituras e canções destinadas a dizer: “É nisso que eu acredito”.

A vida de Elizabeth era regida pela monarquia britânica, que por sua vez está entrelaçada com a fé cristã. A Bíblia é lida na coroação dos monarcas. E a rainha fez um juramento a Deus de servir e desempenhar seu papel.

Por causa disso, as pessoas da atualidade não gostam da ideia de um monarca. Isso os lembra de Deus, da Bíblia e de algo absoluto e imutável. A rainha Elizabeth estava acima da política e da mudança dos tempos. Muitos disseram que com sua morte uma era de respeito aos valores também chegou ao fim.

Servir aos outros

Em 1952, quando o rei George VI morreu, Elizabeth assumiu o posto de rainha. Em seu aniversário de 21 anos, Elizabeth havia prometido: “Toda a minha vida, seja longa ou curta, será dedicada ao serviço de todos e de nossa grande família imperial à qual todos nós pertencemos”.

Ela manteve sua promessa, pois, nas sete décadas seguintes, ela trabalhou quase todos os dias. Ela viajou para muitas nações atuando como um monarca moderno. Ela abriu escolas e bibliotecas. Ela se levantava e cumprimentava muitas pessoas estranhas por horas. E ela fez tudo isso com graça e alegria.

Embora a rainha vivesse em palácios e tivesse uma grande equipe e empregados domésticos para servi-la, tendo uma vida, em muitos aspectos, muito mais fácil do que a maioria das pessoas, precisamos lembrar que ela ainda era humana e estava sujeita a todas as atrações e pressões comuns às pessoas—na verdade, a riqueza e o status aumentam alguns problemas, especialmente em termos de manter um bom caráter. Como quase todo mundo, ela amou e não foi amada. Ela riu e chorou. Ela se alegrou e se entristeceu. Ela era leal e sofreu traição. Enquanto olhava para o mundo através das janelas do palácio, será que ela já desejou poder viver uma vida normal de uma pessoa comum?

Desde cedo ela sabia que a vida dela seria diferente. Mas, ela estava determinada a servir nesta vida. Durante a Segunda Guerra Mundial, ela serviu como mecânica de automóveis e arregaçou as



A rainha fez um juramento a Deus de servir e desempenhar seu papel. E com sua morte, uma era de valores significativos também pode ter chegado ao fim.

mangas para fazer o trabalho pesado. Ela e sua família ficaram na Inglaterra ao decidir não se refugiar no Canadá. Tratando-se de quem ela era, esse foi um sério risco assumido e calculado.

Por mais grandiosa que fosse sua vida, Elizabeth preocupava-se em manter o tipo de atitude de servir ensinada por Jesus. Quando Seus discípulos discutiam entre si sobre quem seria o maior, Jesus disse: “Os reis dos gentios [ou nações] dominam sobre eles, e os que têm autoridade sobre eles são chamados benfeitores. Mas não sereis vós assim; antes, o maior entre vós seja como o menor; e quem governa, como quem serve” (Lucas 22:25-26).

Cristo disse que o maior deveria servir. Elizabeth se esforçou para servir e dar um bom exemplo de acordo com seu entendimento. E esse foco dela deveria ser enaltecido!

Comprometimento com responsabilidades

A rainha serviu mais de setenta e cinco anos no cargo. Ela prometeu que toda a sua vida, “se longa ou curta”, seria dedicada a servir. Esse tipo de promessa exige compromisso—o tipo de compromisso ensinado por Jesus quando disse que ninguém que

vem a Ele e olha para trás, para sua antiga vida, é apto para o Reino de Deus (Lucas 9:62).

Pense nisso: Elizabeth não voltou atrás em seu compromisso. Seus pais eram eduardianos—pense em *Downton Abbey* (seriado da televisão britânica), um mundo diferente do nosso. Ela foi criada naquele ambiente. E seu tio, Eduardo VIII, abdicou do trono. Ele rejeitou uma vida comprometida por um estilo de vida frívolo. Elizabeth tornou-se rainha porque um homem não cumpriu seu compromisso. Ela sabia que tinha que se comprometer até o fim para preservar a monarquia.

Em sua coroação, ela foi ungida com estas palavras: “*Seja tuas mãos ungidas com óleo sagrado. Seja teu peito ungido com óleo sagrado. Seja tua cabeça ungida com óleo sagrado, como foram ungidos reis, sacerdotes e profetas. E como Salomão foi ungido rei por Zadoque, o sacerdote, e Natã, o profeta, assim sejas ungida, abençoada e consagrada Rainha sobre os povos, a quem o Senhor teu Deus te deu para guiar e governar.*”

Isso foi feito no momento mais solene da coroação, um dossel dourado ocultou essa parte do serviço da vista do público. Ela foi designada para um papel especial, e ela entendia isso. Ela estava comprometida com isso. Ela nunca desistiu desse compromisso. Ela se importava profundamente com sua terra e seu povo e fazia tudo o que podia para beneficiá-los. Atualmente, as pessoas podem aprender muito com o exemplo dela!

O dever para com Deus e o país

O dever diz respeito a fazer algo que você deveria e talvez preferisse não fazer—fazendo não porque alguém o obriga, mas porque precisa ser feito e não há ninguém mais bem preparado do que você mesmo para fazer isso, então você o faz. O dever envolve realizar seu trabalho sem reclamar. Significa conhecer o seu papel e desempenhá-lo bem. E o dever é permanecer coerente, dia após dia, ano após ano, por toda a vida.

O fato de ser rainha não a livrava de dificuldades, e o famoso mantra de Elizabeth era: “Nunca reclame, nunca explique”. Ela nunca permitiu que seus sentimentos pessoais atrapalhassem seu trabalho. Elizabeth aprendeu com o exemplo de seu pai. Ele não estava preparado para o papel de rei, mas teve que assumi-lo quando seu irmão renunciou. E ele aprendeu sobre esse dever ao desenvolver integridade de caráter íntegro em sua juventude.

A rainha Elizabeth II era um testemunho vivo para o mundo de uma mulher que se esforçou para manter um caráter elevado. E caráter tem a ver com dever e respeito a um compromisso.

Uma cena comovente ocorreu na cerimônia reservada após o funeral. Pouco antes de o caixão da rainha ser baixado para a cripta, a coroa, o orbe e o cetro foram removidos de seu caixão e devolvidos ao altar da igreja. Mas, não foi removida a vara de madeira chamada Wand of Office, que representa sua autoridade. O Lord Chamberlain a quebrou e colocou os dois pedaços no caixão. Assim, encerra-se seu reinado terreno. E, como qualquer plebeia, ela foi para debaixo da terra.

Hoje em dia, todos os que são verdadeiros servos de Deus estão se preparando para receber uma coroa espiritual da vida. E, com a ajuda de Deus, se continuarmos vivendo uma vida de serviço, compromisso e dever, quando formos para debaixo da terra, temos certeza de que uma coroa e um trono nos aguardam na ressurreição! *BN*

A Rejeição da Pedra Gloriosa

A futura coroação do rei Charles III deveria nos fazer lembrar de uma coroação e de um reinado muito mais importantes e gloriosos — em que poderemos desempenhar um papel magnífico!

por Robin Webber

Em breve o mundo vai assistir a coroação de Charles III como monarca do Reino Unido. Desde menino o rei Charles sabe que seu destino o traria até esse momento. Ele vem de uma linhagem de reis que remonta ao passado remoto. E não será surpresa esse evento de coroação também ter uma grande repercussão internacional.

Contudo, as Escrituras contam uma história sobre outro importante personagem da realeza que passou despercebido por aqueles com quem Ele entrou em contato. Centenas de anos antes de Sua vinda, Ele foi anunciado como “a pedra que os construtores rejeitaram” que ainda se tornaria “a principal pedra angular”, pois “isto procede do SENHOR” (Salmos 118:22-23, ARA; citado em Mateus 21:42).

Esse indivíduo, rejeitado pelas pessoas, é o mesmo que nos convida a segui-Lo (Mateus 10:38). Além disso, ao respondermos a esse chamado e desejo divino, precisamos sempre nos lembrar de que os pensamentos e caminhos de Deus estão muito acima de nossos caminhos humanos (Isaías 55:8).

“E não fizemos dele caso algum”

O profeta Isaías retratou essa pedra rejeitada como Aquele que foi “desprezado e o mais indigno entre os homens, homem de dores, experimentado nos trabalhos e, como um de quem os homens escondiam o rosto, era desprezado, e não fizemos dele caso algum” (Isaías 53:3). E o ministério dEle seria ridicularizado por declarações humilhantes como: “Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?” (João 1:46).

Apesar disso, Ele nunca foi dissuadido da missão para a qual nasceu. Ele falou sobre as boas novas—de que o Reino de Deus está próximo, dizendo que devemos nos arrepender e crer no evangelho para fazer parte desse reino (Marcos 1:14-15). A chegada dEle com esse anúncio foi um surpreendente hiato na história da humanidade. Nada jamais seria o mesmo! Agora algo incrível estava acontecendo, pois estava na hora de as pessoas terem uma mente e um coração apropriados para esse reino!

E a mensagem inaugural dEle foi acerca do reino de Deus e Sua soberania sobre a mente, o coração e o desejo das vidas humanas e, finalmente, sobre toda a Terra. Ele instou os ouvintes a segui-Lo e a confiança dEle no amor de Seu Pai Celestial era inabalável não apenas por Si mesmo, mas também por aqueles que aceitariam o Seu convite.

“Então você é um rei?”

E nos últimos dias dEle na Terra, o governador romano Pôncio Pilatos, que tinha ouvido falar de Suas declarações, perguntou-Lhe: “Tu és o rei dos judeus?” (João 18:33). Ele respondeu que Seu Reino não era deste mundo (versículo 36). Isso deixou

o romano perplexo, que perguntou novamente: “Logo Tu és rei?” e o Nazareno respondeu: “Tu dizes que Eu sou rei. Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade” (versículo 37).

Tanto o mundo romano pagão quanto Seus próprios compatriotas rejeitaram o Homem da Galileia. Aquele que nunca fez mal a outro ser humano, mas, pelo contrário, alimentou e curou as pessoas e até ressuscitou algumas delas, teve Sua própria existência apagada como “a pedra que os construtores rejeitaram”.

Como a renomada escritora inglesa Dorothy Sayers compartilhou em seu ensaio de 1938 “The Greatest Drama Ever Staged” (O Maior Drama Já Encenado, em tradução livre), esse Homem “tinha uma ‘beleza cotidiana em sua vida que nos tornava feios’, e as autoridades acharam que a ordem estabelecida das coisas estaria mais segura sem Ele. Então, eles acabaram com Deus em nome da paz e da tranquilidade”.

Quais palavras e ações dEle causaram tanta repulsa?

- Ele havia proclamado que não devemos apenas “amar o próximo”, mas também amar os “vossos inimigos, bendize os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem” (Mateus 5:43).

- Ele havia proclamado pouco antes disso: “Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus” (Mateus 5:9).

- Ele proclamou: “Não julgueis, para que não sejais julgados, porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos não de medir a vós” (Mateus 7:1-2).

- Ele também pronunciou: “Qualquer que, entre vós, quiser ser o primeiro, que seja vosso servo, bem como o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e para dar a Sua vida em resgate de muitos” (Mateus 20:27-28).

Por causa desses ensinamentos, e também das exortações para Seus seguidores fazerem a mesma coisa, Ele foi torturado com uma coroa de espinhos encravada na cabeça enquanto ouvia zombarias. A seguir, Ele foi brutalmente crucificado e pregado vivo a uma viga de madeira (Mateus 27:27-31).

Mas esse foi o fim da história?

Todo joelho se dobrará diante dEle

A Suprema Corte Celestial, cujo Máximo Curador da Justiça é Deus Pai, anulou poderosamente os tribunais inferiores e os juízes da Terra. Ele ressuscitou Jesus dentre os mortos e “O exaltou soberanamente e Lhe deu um nome que é sobre todo o nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho...e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai” (Filipenses 2:9-11).

Essa “pedra rejeitada” aparece no sonho profético do rei babilô-



Em sua interpretação do sonho do rei Nabucodonosor, o profeta Daniel descreve essa “pedra rejeitada” como uma pedra divina, não cortada por mãos humanas, que destruirá os reinos humanos e cobrirá toda a Terra.

nico Nabucodonosor no livro de Daniel, onde diz: “Mas, nos dias desses reis [um derradeiro grupo de dez reis que surgirá da sucessão de impérios gentios], o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído; e esse reino não passará a outro povo; esmiuçar e consumirá todos esses reinos e será estabelecido para sempre. Da maneira como viste que do monte foi cortada uma pedra, sem mãos, e ela esmiuçou o ferro, o cobre, o barro, a prata e o ouro, o Deus grande fez saber ao rei o que há de ser depois disso; e

certo é o sonho, e fiel a sua interpretação” (Daniel 2:44-45).


E essa mesma Pedra Gloriosa, outrora rejeitada e agora exaltada, naquela noite antes de morrer, disse o seguinte para aqueles que atendem ao chamado divino: “Vou preparar-lhes lugar...[e] voltarei e os levarei para Mim, para que vocês estejam onde Eu estiver” (João 14:2-3, NVI).

As Escrituras afirmam claramente que Ele está voltando à Terra. Ele estará no Monte das Oliveiras nos arredores de Jerusalém, retornando ao local de onde havia ascendido (Zacarias 14:3-4; Atos 1:10-12). Jesus Cristo não vai distribuir, harpas e partituras para grupos de corais celestiais nas nuvens como recompensa aos Seus fiéis seguidores, e sim estabelecer um reino e conceder-lhes domínio eterno sobre ele (Daniel 7:27). Os discípulos fiéis, ao longo das eras, que aceitaram Seu chamado para viver como Ele viveu se tornarão reis e sacerdotes de Deus e “reinarão sobre a Terra” (Apocalipse 5:10; 20:4-6).

O nosso Salvador e Senhor de nossa vida abriu o caminho para nós, mas antes de recebermos uma coroa devemos carregar uma cruz. Como Jesus declarou: “Se alguém quiser vir após Mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz e siga-Me; porque aquele que quiser salvar a sua vida perdê-la-á, e quem perder a sua vida por amor de Mim achá-la-á” (Mateus 16:24-25).

Até a próxima vez! Enquanto isso, oremos: “Venha o Teu Reino. Seja feita a Tua vontade, tanto na terra (em nossas vidas agora) como no céu”. **BN**

SAIBA MAIS



Por que você nasceu? E o que isso tem a ver com a vinda de Jesus Cristo e a promessa de Seu retorno como Rei dos reis e Senhor dos senhores? Você precisa saber as respostas! Acesse www.revistaboanova.org para pedir ou baixar nosso surpreendente e revelador guia de estudo bíblico gratuito “Por Que Você Nasceu?”.

www.revistaboanova.org

Como Deus Planejou o Futuro de Israel

Muitas pessoas estão familiarizadas com a história de que Deus milagrosamente libertou o povo de Israel da escravidão no Egito e tornou-o uma nação.

Ele realizou muitos outros milagres para conseguir isso. Não tão familiares, no entanto, são os outros milagres que demonstram que Deus supervisionou pessoalmente o cumprimento das promessas que Ele tinha feito a Abraão.

Os nascimentos miraculosos de Isaque e de Jacó, filho e neto de Abraão, também constituem marcos importantes. Foi por meio deles que Deus deu às doze tribos de Israel as promessas que Ele fez a Abraão.

Por estes milagres Deus demonstrou que a nação de Israel nunca poderia ter existido sem a Sua intervenção.

Considere o nascimento do filho de Abraão, Isaque. A esposa de Abraão, Sara, continuou sem filhos legítimos por décadas. No entanto, Deus interveio e, milagrosamente, deu a Abraão e a Sara um filho quando ela estava numa idade bem avançada para ter uma gravidez normal.

Mais tarde, Isaque, vinte anos depois ele e sua esposa, Rebeca, também não tiveram filhos. Finalmente, quando Isaque tinha cerca de sessenta anos, ele orou por sua esposa estéril. E Rebeca milagrosamente concebeu e deu à luz a gêmeos, Esaú e Jacó (Gênesis 25:21, 26).

Qual a lição importante que podemos aprender com esses milagres? Deus mostrou aos descendentes de Abraão que poderiam ter sucesso no chamado e na missão que Ele lhes deu somente se contassem com a ajuda divina. Essa é uma lição difícil para os seres humanos aprenderem. Essa lição difícil está escrita nos êxitos e nas tragédias do povo de Israel.

Os escritores da Bíblia já registraram muitas coisas para que todos os povos possam aprender com o exemplo de Israel. De Abraão Deus milagrosamente formou uma nação para ser exemplo a todas as outras nações dos benefícios advindos ao obedecê-Lo e das tragédias advindas ao desobedecê-Lo. Israel tem sido exemplo de ambos. Sua parte no grande plano de Deus está muito longe do final. O melhor momento de Israel ainda está por vir.



Um Período de Mudanças Profundas na Inglaterra

A morte da rainha Elizabeth II e a ascensão do rei Charles III ao trono britânico, trouxe ao Reino Unido um período de transição em diversos e importantes aspectos.

A agenda internacional do Fórum Econômico Mundial (WEF, em inglês) está avançando, com questões globais como a Covid e uma possível ameaça existencial causada por mudanças climáticas. Alguns creem que esses temas têm o intuito de promover uma utopia socialista mundial. Uma fonte observa: “Os globalistas em torno do fundador do WEF, Klaus Schwab, ficarão felizes com o fato de que duas cadeiras dos cargos mais altos da ilha estão agora sendo ocupadas por pessoas de seu círculo”.

“O ex-príncipe de Gales foi uma das primeiras pessoas a reconhecer abertamente essa transformação do mundo sob o pretexto da sustentabilidade por meio do ‘Grande Reinício’. Quando Schwab publicou seu manifesto, Charles apresentou no WEF o ‘Projeto do Grande Reinício’ no mesmo dia. Ele falou de uma “oportunidade de ouro” em que há apenas uma janela de oportunidade limitada para uma tomada de poder possibilitada pela tecnologia. Ele falou de um ‘Plano Marshall global’ e, neste contexto, elogiou os ‘apelos à ação após o Grande Reinício’... [dizendo que é] ‘um momento em que devemos fazer o máximo de progresso possível’” (“Great Reset” King Charles III Set to Rule After Queen Elizabeth II Passes Away” [O Grande Reinício, O Rei Charles III Assumirá O Trono Após A Morte da Rainha Elizabeth II, em tradução livre], Free West Media, 9 de setembro de 2022).

“Por mais de quarenta anos, Charles defendeu causas ambientais, incluindo a necessidade de excluir os combustíveis fósseis da economia global, a fim de evitar uma catástrofe climática. Em novembro, no início da COP 26, a conferência das Nações Unidas sobre mudanças climáticas em Glasgow, Escócia, Charles disse que as mudanças climáticas são uma ‘ameaça existencial que deveria nos colocar em pé de guerra’ e pediu aos governos mundiais que comecem a ‘transformar radicalmente nossa atual economia baseada em combustíveis fósseis para uma que seja genuinamente renovável e sustentável”.

“Em 2020, Charles discursou no Fórum Econômico Mundial, pedindo ‘uma mudança em nosso modelo econômico que ponha a natureza e a transição mundial para net zero (emissões de carbono) no centro de nossas ações”.

E, após a morte de sua mãe, ele falou sobre uma mudança de papel, já que o monarca britânico tradicionalmente não deve se pronunciar sobre algo que poderia ser visto como questões políticas. Ele afirmou que não seria mais capaz de dedicar tanto tempo e energia a instituições de caridade e assuntos com as quais se preocupava profundamente, mas sabia que outros assumiriam esse papel (“King Charles III Appears to Signal an End to Climate Change Activism” [O Rei Charles III Parece Sinalizar O Fim de Seu Ativismo Contra As Mudanças Climáticas, em tradução livre] Yahoo News, 9 de setembro de 2022). Talvez ele não precise dizer muito por conta

de outras mudanças no governo.

A Inglaterra teve três primeiros-ministros ao longo de três meses, com Boris Johnson sendo substituído por Liz Truss em apenas 45 dias. “A renúncia de Truss... fez a alegria do tabloide Daily Star, que fez uma transmissão ao vivo... mostrando uma foto da primeira-ministra ao lado de um pé de alface para ver qual duraria mais. ‘Este alface durou mais do que o cargo de Liz Truss!’, anunciava”.

“Enquanto o mundo todo e muitos britânicos riam da piada da alface, Bronwyn Maddox, diretora do Think Tank Chatam House (organização voltada à produção e difusão de conhecimento sobre temas políticos, econômicos ou científicos), disse ‘não há dúvida de que a posição do Reino Unido no mundo foi severamente abalada por esse episódio e pela rotatividade de primeiros-ministros’” (“Truss Quits, But UK’s Political and Economic Turmoil Persists” [A Renúncia de Truss Não Evita a Turbulência Política e Econômica no Reino Unido, em tradução livre], AP, 20 de outubro de 2022).

O substituto de Truss é o “ex-secretário de Finanças da Inglaterra, Rishi Sunak, mais conhecido por liberar enormes verbas de auxílio a pessoas e empresas

durante as políticas de lockdown na época da pandemia da Covid e elevar a carga tributária nacional aos níveis mais altos em décadas” (“Coronation: Covid-Era Tax and Spend Rishi Sunak Makes It Through Leadership Challenge Unopposed, Will Be Prime Minister” [Os Impostos e Gastos de Rishi Sunak na Era da Covid Superam o Desafio de Governança do Futuro Primeiro-Ministro, em tradução livre], Oliver Lane, Breitbart, 24 de outubro).

Aos quarenta e dois anos, Sunak é o primeiro-ministro mais jovem em mais de duzentos anos e o primeiro de herança não europeia. Ele é o primeiro com raízes asiática e o primeiro a praticar o hinduísmo. “Quando se tornou deputado, ele fez seu juramento sobre o livro sagrado hindu, o Bhagavad Gita... (E) se tornou primeiro-ministro no primeiro dia do Diwali, o festival mais importante de sua religião” (Everything You Want to Know About New British Prime Minister Rishi Sunak [A História do Novo Primeiro-Ministro Britânico Rishi Sunak, em tradução livre], *Webdunia*, 25 de outubro de 2022).

Algumas preocupações foram expressas: “Um primeiro-ministro hindu é agora responsável por aconselhar o rei Charles sobre as nomeações para a Igreja Anglicana. A Inglaterra está morta”, disse Collin Pruet na revista *The American Conservative*... e, segundo relatos da mídia, Sunak tem um ídolo de Shri Ganesh [deus hindu com cabeça de elefante] em sua mesa” (“Rishi Sunak’s Religious Identity Under Radar as Christian UK Gets First Hindu Prime Minister” [A Identidade Religiosa de Rishi Sunak Sob O Radar Cristão do Reino Unido, em tradução livre], Sounak Mukhopadhyay” LiveMint.com, 25 de outubro de 2022).

Mas talvez isso não seja tão surpreendente, dado o declínio da herança britânica e do cristianismo no país, como veremos em outra notícia a seguir.



O rei da Inglaterra, Charles III, à esquerda, e o primeiro-ministro Rishi Sunak.

Retornando ao assunto do primeiro-ministro, ele foi banqueiro de investimentos do Goldman Sachs e é casado com a filha de um bilionário, o sexto homem mais rico da Índia. “Sunak tem a distinção de ser muitíssimo rico, ele e a esposa tem um patrimônio líquido de 840 milhões de dólares, ou 4,4 bilhões de reais. Ele será o primeiro morador da casa número 10 da Downing Street a ter uma fortuna maior do que o monarca britânico reinante, levando a questionamentos sobre sua capacidade de simpatizar com a situação do cidadão comum durante a crise econômica, que, em parte, ele ajudou a criar” (“Coup Complete: Globalist Rishi Sunak Installed as Prime Minister of the United Kingdom” [O Golpe do Globalista Rishi Sunak Empossado Como Primeiro-Ministro do Reino Unido, em tradução livre], Kurt Zindulka, 25 de outubro de 2022).

O primeiro-ministro do Canadá, Justin Trudeau, disse que “Sunak é um acólito do Fórum Econômico Mundial e sua candidatura até recebeu o endosso tácito do Partido Comunista Chinês” (Lane, 24 de outubro).

“Sunak apareceu no evento Green Horizon Summit do Fórum Econômico Mundial em 2020 para defender uma ‘transição de toda a economia’ para fontes de ‘energia verde’. ‘O desafio das mudanças climáticas é claramente urgente’, disse Sunak. ‘Precisamos garantir

uma transição positiva e justa para Net Zero (compromisso de reduzir as emissões de gases de efeito estufa na atmosfera) e proteger nosso meio ambiente” (Zindulka, 25 de outubro). Infelizmente, isso acabaria privando a Inglaterra de sua riqueza e energia, mas isso faz parte da agenda globalista.

“A conexão disso com o WEF não para por aí, pois a empresa Infosys, fundada por seu sogro Narayana Murthy, é listada como uma parceira do Fórum Econômico Mundial. Antes, Murthy foi copresidente do Fórum Econômico Mundial de Davos em 2005” (ibid.).

O estadista populista Nigel Farage tuitou em 24 de outubro do ano passado que o *European Research Group* (um *caucus* de membros do Parlamento anti-UE) não foi capaz de apoiar nenhum candidato a primeiro-ministro porque “o golpe globalista teve sucesso. Não existe mais partido conservador. Isso está morto”.

A agenda globalista conquistou muitos líderes de nações ocidentais. Qual o objetivo de tudo isso? E o que isso significa para o futuro da Inglaterra e de outras nações de herança britânica—Canadá, Austrália, Nova Zelândia e Estados Unidos? Para entender melhor esse tema, leia nosso Guia de estudo bíblico gratuito *Os Estados Unidos e a Inglaterra na Profecia Bíblica*, disponível em www.revis-taboanova.org.

A Legalização do Casamento Homoafetivo

Em dezembro de 2022, os legisladores dos Estados Unidos aprovaram a chamada “Lei de Respeito ao Casamento”. O objetivo era supostamente garantir a legalidade do casamento entre pessoas do mesmo sexo em todo o país, devido à preocupação de que a decisão da Suprema Corte, em 2015, de legalizar o casamento homossexual pudesse ser anulada, como aconteceu recentemente com o direito ao aborto. Mas, evidentemente, o objetivo dessa lei é mais abrangente.

O senador Ted Cruz se opôs a esse projeto de lei, afirmando que isso poderia trazer consequências punitivas para as instituições religiosas. Ele disse: “Esse projeto de lei, sem uma proteção à liberdade religiosa, teria consequências massivas em todo o nosso país, permitindo o governo Biden enquadrar e suspender isenções de impostos de universidades, escolas de ensino fundamental, organizações de serviços sociais, igrejas...E isso é extremamente importante” (citado por Todd Starnes, 16 de novembro).

Esse projeto de lei recebeu uma emenda que incluía supostamente proteções contra esses problemas, mas os defensores da liberdade religiosa argumentam que isso não impediria que os defensores do casamento tradicional se tornassem alvos, já que o conteúdo dessa emenda não tem força suficiente.

A comentarista Liz Wheeler apontou três grandes problemas nesse projeto de lei:

“Primeiro, esse projeto de lei equivale a um ataque direto à liberdade religiosa...Sem dúvida, grupos seculares usarão essa lei para atingir as pessoas de fé. Eles terão como alvo organizações sem fins lucrativos. Eles terão como alvo as igrejas. Eles terão como alvo as escolas religiosas. As pessoas não conseguirão conduzir seus

trabalhos sob a premissa da definição bíblica de casamento ou provavelmente serão criticadas...isso até cria uma justificativa cultural para que instituições de mercado, como bancos, discriminem pessoas com pontos de vista tradicionais...”

“O segundo problema é que esse projeto de lei dá ao governo o poder de redefinir as palavras. Isso não tem nada a ver com orientação sexual ou atração sexual. Isso é sobre a definição da palavra casamento e se o governo estadual ou federal tem o direito de redefinir o que é casamento...”

“E o terceiro—e talvez o mais importante—é que esse projeto de lei se tornará inerentemente um arcabouço legal para a...agenda progressista radical,

que depende do deliberado objetivo marxista de destruir a família nuclear e, finalmente, desconstruir a fibra moral de nossa sociedade” (“Twelve Republican Senators Betrayed the Institution of Marriage” [Doze Senadores Republicanos Traíram A Instituição do Casamento, em tradução livre], *Daily Caller*, 27 de novembro de 2022).

Assim, “a verdade sumiu”, diz o Deus Criador sobre nossa sociedade rebelde, “e quem rejeita o mal é perseguido” (Isaías 59:15, Nova Versão Transformadora). Mas, essa não é a última palavra sobre o assunto. A intervenção de Deus se aproxima—um julgamento severo sobre os males deste mundo para logo vir a redenção e a salvação daqueles que se arrependem (versículos 16-21). Então, faça o possível para permanecer com Deus, defendendo a moralidade revelada por meio de Sua Palavra. Para saber mais, peça ou baixe nosso guia de estudo bíblico gratuito *Casamento e Família: A Dimensão Perdida*.



27 Deus é o Senhor que nos concedeu a vida.
28 Tu és o meu Deus, e eu te louvarei; tu és o meu Deus, e eu te exaltarei.
29 Louvai ao Senhor, porque ele é bom, porque a sua benignidade é para sempre.

Podemos Confiar na Bíblia?

A Bíblia afirma ser a fonte da verdade acerca de Deus e do significado da vida e também conter a informação sobre o desfecho da história da humanidade.

Essas são afirmações muito importantes. Será que realmente podemos confiar em uma coleção de escritos antigos?

Descubra como a Bíblia tem resistido ao escrutínio moderno como fonte de sabedoria e compreensão divinas em nosso guia de estudo bíblico gratuito "A Bíblia Merece Confiança?".

Descubra a verdade da maravilhosa Palavra de Deus. PEÇA OU BAIXE SEU EXEMPLAR GRATUITO do guia "A Bíblia Merece Confiança?" em www.revistaboanova.org.



FAÇA UMA DOAÇÃO

Esta obra evangelizadora compreende a edição, publicação e distribuição gratuita desta Boa Nova do vindouro Reino de Deus, de vários guias de estudo de ensino bíblico, e da preparação e cuidado dos irmãos, ao redor do mundo.

Esta revista 'A Boa Nova' e guias de estudo Bíblicos aqui mencionados contêm direitos autorais e são publicados pela Igreja de Deus Unida, uma Associação Internacional.

Sua doação espontânea ou seus dízimos nos ajudarão a ampliar esse esforço. Use a conta ao lado se vive no Brasil, ou a aba de doações do nosso site, ou detalhes de contato na página 2. Muito obrigado pela sua contribuição.

Banco: Caixa Econômica Federal (104)

Agência: 3540

Operação: 003

Conta Corrente: 1877-4

CNPJ/PIX: 19.443.682/0001-35

Beneficiário: Igreja de Deus Unida Brasil

